

PUCRS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

ALINE COSTA DOS SANTOS

ESCRITA-DESEJO EM *ACENOS E AFAGOS*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM TEORIA DA LITERATURA

ALINE COSTA DOS SANTOS

ESCRITA-DESEJO EM *ACENOS E AFAGOS*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Porto Alegre

2020

ALINE COSTA DOS SANTOS

ESCRITA-DESEJO EM *ACENOS E AFAGOS*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena

Porto Alegre

2020

Ficha Catalográfica

S237e Santos, Aline Costa dos

Escrita-desejo em Acenos e afagos, de João Gilberto Noll / Aline Costa dos Santos . – 2020.

96.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena.

1. Literatura brasileira contemporânea. 2. João Gilberto Noll. 3. Erotismo. I. Barberena, Ricardo Araújo. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

ALINE COSTA DOS SANTOS

ESCRITA-DESEJO EM ACENOS E AFAGOS, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barberena – PUCRS

Prof. Dr. Altair Teixeira Martins – PUCRS

Prof. Dr. Ricardo Lísias Aidar Fermino – Escritor

Porto Alegre

2020

À minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Jussara, que me apoia em absolutamente tudo, não importa a empreitada a que eu me proponha.

Ao Gustavo, meu irmão, que muitas vezes passou na minha casa para dizer que tudo daria certo.

Ao Otávio, meu afilhado, que entendeu cada ausência minha em seus campeonatos de natação. Eu estava sim presente.

À Marta Mendes, minha amiga, que todos os dias me dizia "é isso mesmo, toca ficha que tu consegue". Vinte e quatro meses me dizendo a mesma coisa. Nunca largou a minha mão.

Aos queridos amigos Edcleberton Andrade e Francisco, pela amizade e companheirismo nesses meses de mestrado.

Ao meu orientador-amigo, Ricardo Barberena, pela paciência e pela amizade. Toda a vez em que achei que cairia, ele trouxe uma palavra para me manter em pé.

Aos professores Altair Martins e Ricardo Lísias que aceitaram o convite para participar da banca desta dissertação.

A João Gilberto Noll, por ter me feito refletir, mesmo sem saber, que desacelerar é um dos verbos mais importantes da língua portuguesa para se viver bem.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pela oportunidade e pela infraestrutura.

À CAPES, por ter concedido a bolsa que possibilitou a realização deste mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Apesar disso, esse cara, bastante independente da letra humana, poderia, sem acentuado esforço, ter um clarão que magnetizasse de vez o parvo ouvinte. Sobretudo esse ouvinte aqui, viciado em verificar no espelho das palavras a gasta cópia das coisas, em detrimento da sedução física do verbo. Toda a expressão que o homem do lago ditava parecia se elevar à procura do gesto da dança.

No espelho, você se vê como realmente é: um ser avulso, que precisa urgentemente se ligar a outro, mesmo que esse amante tenha só a duração exata de uma trepada.

A literatura é levantar o tapete e mostrar o que você cancela no relacionamento social.

In: *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma leitura sobre o erotismo no romance *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll. Nesse livro, o erotismo traz a profundidade da alma do narrador, que está sempre em constante busca de completar-se e fundir-se ao outro. João Imaculado, narrador-personagem, é um sujeito errante, deambulando sem rumo ou perspectivas, mas que sente necessidade de se encontrar e, para isso, deixa sua vida organizada dentro dos moldes convencionais para viver as angústias do prazer e da volúpia carnal em nome de um grande amor da adolescência. Nesse sentido, buscar a ilusória completude é a matriz propulsora desse sujeito insatisfeito com a própria vida, que é de aparências. João não tem certeza de seus passos, uma vez que passado, presente e futuro estão embaralhados em seus pensamentos confusos. A constante procura por prazer se fará no grande espaço-tempo que é a imaginação do narrador, instigada por sua pulsão sexual, que em certo momento fará com que ele se transmute, tornando-se mulher. O romance traz não apenas cenas de cunho sexual entre as personagens, mas também imagens nas quais se pode verificar o trabalho de linguagem como elemento poder de persuasão através do qual o narrador busca realizar o desejo a partir da imaginação ou delírio que permitem, em momentos de prazer, fundir-se ao outro, chegando ao sentido último do erotismo. Considerando isso, a proposta do presente trabalho será responder ao seguinte: como a escrita-desejo se manifesta na obra *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll? O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro trata do estudo acerca da teoria do erotismo a partir de Bataille (2017), Caillois (1988) e Paz (1994). No segundo capítulo, inspirado na obra *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981), de Roland Barthes, realizou-se o levantamento de expressões-chave na literatura de Noll, buscando investigar como elas contribuem para a escrita-desejo na obra analisada. Por fim, no terceiro capítulo, com base nos estudos teóricos supracitados, tem-se a análise de *Acenos e afagos*, com o objetivo de identificar a escrita-desejo nesse romance.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. João Gilberto Noll. Erotismo.

ABSTRACT

This thesis approaches the eroticism in *Acenos e afagos* (2008) by João Gilberto Noll. In this novel, eroticism reflects the depths of the narrator's soul, a man in the constant search for fulfilment and to merge with another. João Imaculdo, the narrator/character, is a wanderer with neither direction nor perspective in life. However, he feels the need of finding himself, and in order to do so he leaves his life within conventional molds behind so he can taste the anguish of pleasure and lust in the name of his teenage love. In this sense, to search for an unrealistic completeness is the driving force of this man, unhappy with his deceitful life. João is not sure about his own steps, as past, present and future are all tangled in his mixed-up thoughts. The constant search for pleasure is built in the great time and space that is the narrator's imagination, instigated by his sex drive, which will eventually lead to his gender reassignment. The novel presents not only sex scenes between the characters, but also imagery that attest the author's use of the language as a means of persuasion through which the narrator longs to fulfil his desire, with the imagination and frenzy which allow him to merge with another in moments of pleasure, reaching the ultimate meaning of eroticism. Considering that, this thesis aims to answer the following question: How is "desire-writing" manifested in João Gilberto Noll's novel *Acenos e afagos*? This thesis is divided into three chapters. The first chapter presents a study on eroticism theory starting from Bataille (2017), Caillois (1988), and Paz (1994). Inspired by Barthes's *A Lover's Discourse: Fragments*, the second chapter presents a survey of key expressions used in Noll's works, aiming to investigate how they contribute to "desire-writing" in the specific work analysed. At last, the third chapter, based on the aforementioned theoretical studies, presents an analysis on *Acenos e afagos*, with the intent of identifying "desire-writing" in this novel.

Key-words: Contemporary Brazilian Literature. João Gilberto Noll. Eroticism.

SUMÁRIO

ACENOS	11
1 EROTISMO	16
1.1 O SURGIMENTO DO EROTISMO	16
1.2 INTERDITO E TRANSGRESSÃO	20
1.3 EROTISMO E MORTE	26
2 FRAGMENTOS DE UM DISCURSO ERÓTICO-AMOROSO EM ACENOS E AFAGOS, DE JOÃO GILBERTO NOLL	32
3 O EROTISMO EM ACENOS E AFAGOS	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS	955

ACENOS

Conheci João Gilberto Noll quando estava na graduação. O escritor era presente na universidade, pois, além de palestrar e de participar de bate-papos, foi escolhido como padrinho do grupo de pesquisas do qual faço parte¹. Àquela época, eu ainda não havia lido sequer uma obra dele. Gostava de ouvi-lo, da sua presença. Do seu tempo: desacelerado.

Sempre que via o Noll, pensava numa remota possibilidade de entrar no mestrado, e, se isso acontecesse, por que não escrever sobre ele, esse autor cujas obras eu não havia lido? Difícil explicar. Noll tinha algo que me inspirava, me angustiava e me desequilibrava. Era a calma da fala, o olhar cuidadoso e muitas das vezes fechado para o entorno, mas aberto para dentro de si. Foi certamente o melhor padrinho que o grupo poderia ter. Do desequilíbrio que as falas dele me causavam, ficou uma busca.

Lembro-me da primeira vez que o vi. Eu estava chegando ao Delfos – Espaço de Documentação e Memória (PUCRS), onde ele estava proferindo uma fala. Abri a porta e entrei em mundo completamente diferente. Era como se uma nuvem pairasse sobre a plateia. A atmosfera era de fato diferente. Sentei-me afastada e ali entrei na mesma atmosfera dos demais. Absorta por suas palavras, fui transposta a outro lugar. Viajei. E, confesso, foi difícil voltar. A linguagem era tal que a fala calma definia a pessoa que falava: não tinha pressa. As pausas longas permitiam a reflexão. As pausas permitiam a justa medida de entendimento da fala que a antecedia. As pausas eram generosidade. Com elas era possível refletir, respirar. A atmosfera reforçou um desejo.

Em outro dia, durante uma reunião do grupo, Noll falava sobre o tempo atual das coisas aceleradas e disse: “eu estou sempre desacelerando”. Entendi, por fim, o que havia acontecido no dia em que cheguei ao Delfos: não havia pressa para esse homem de setenta e poucos anos. Havia reflexão. O desacelerar amadureceu um tema.

Passado algum tempo, em uma mesa de bar, após o encerramento do Fale(m) Versos (2016) – concurso de poesia do curso de Letras da PUCRS – Noll, estava à minha frente, tomando seu chope, e novamente me vem o pensamento: por

¹ Limiares Comparatistas e Diásporas Disciplinares: Estudo de Paisagens Identitárias na Contemporaneidade.

que não escrever sobre uma obra dele? E durante esse encontro, mais uma vez, confirmei que ele era dono de seu próprio tempo. Tudo era calmo, era lento. Desacelerado. Era Noll.

Foi nesse momento que decidi dar uma chance de mergulhar em uma angustiante pesquisa.

Quando li as obras do Noll, tive muitas dificuldades. A linguagem é cirúrgica, pontual. Nada está gratuitamente na obra. Seus narradores são complexos e estão em constantes deslocamentos. Confusos em si mesmos. Angustiantes e angustiados. Apaixonei-me pela obra dele pela dificuldade que tive de entendê-la, se é que a entendi.

Por isso, esta dissertação surge de uma angústia. Explico. Ao ler algumas obras de João Gilberto Noll, tive, dentre muitos sentimentos, o da angústia, o do desconforto e o do desamparo que se fizeram presentes em mim. Explico novamente: li quatro das tantas obras do autor – *Solidão continental* (2012), *Lorde* (2004), *Harmada* (2013) e *Acenos e afagos* (2008) –, e em todas elas, os narradores deslocados em seu próprio ambiente ou mesmo em deslocamento geográfico (em trânsito) estão à margem, descobrindo-se, revelando-se na busca de um novo eu, de uma nova identidade. Narradores que, muitas vezes, estão em processo de transformação, transmutação, de transição entre o que estão e o que serão. São narradores que estão tentando suprir um vazio existencial. Além disso, Noll traz em sua linguagem o surgimento de inúmeras imagens, e, dentre elas, o desejo, o erotismo.

Saliento o seguinte sobre os narradores de Noll: a bem dizer estamos falando de apenas um narrador, não existe o plural. Usei o plural até aqui, porque são muitas obras, no entanto o narrador é sempre o mesmo, como dito pelo próprio autor: “meu protagonista é sempre o mesmo. Não que de um livro para outro haja uma continuidade. Em um livro ele é vagabundo, em outro é escritor, em outro é ator, mas a alma desse cara é a mesma”². Esse narrador é um sujeito que perambula por tantos e tantos livros, tantas e tantas histórias, e em muitas delas não tem nome, e, quando nomeado, é João. Esse narrador nos convida insistentemente a divagar, flunar entre as páginas. É um narrador pulsional.

² BORGES, Rogério. *Entrevista a João Gilberto Noll* (2008). Disponível em: <bit.ly/2UnXHUF>.

Além disso, o narrador de Noll é um sujeito desgarrado que busca constantemente embriagar-se de vida, viver intensamente seus anseios mais profundos e deles gozar. Essa talvez seja a grande tônica desse narrador: o gozo.

Passado, presente e futuro mesclam-se e enredam-se no universo narrativo de Noll, posto que o narrador emaranha-se constantemente dentro de si, de sua identidade cambiante, e, passando por um processo de esvaziamento, perde a noção do tempo e do real. Para esse narrador tudo é mutável, conforme o fluxo desse tempo indeterminado e indefinível.

É um narrador que está em constante trânsito, um sujeito que tem necessidade de mudar, traçar novas linhas, percorrer novos horizontes, escrever uma nova história, repleta de páginas em brancos, ilhas desertas e paraísos imaginários. Para ser outro. Ser vários. Ele é plural. Ser apenas o que está no momento não é suficiente para viver, pois ele precisa beber nas fontes da imprecisão, do diferente, do angustiante. E para ser outro(s), é preciso fazer escolhas, expressas pelos movimentos da memória: lembrar e esquecer. Recorta sua própria existência e cria, a partir das novas experiências, outra configuração de si. É um eterno palimpsesto humano. Camadas e camadas de imprecisões e recortes. É fragmentado. É humano.

Em vista disso, preciso dizer que esta dissertação está escrita na minha voz, em primeira pessoa. Para mim, falar sobre uma obra de João Gilberto Noll é falar daquilo que também nos angustia, nos desgoverna, nos transborda. Podemos não participar dos excessos de cunho erótico-sexual, nem por isso somos indiferentes às profundas reflexões que o desgarrado narrador de Noll nos propicia ao narrar seus encontros e desencontros amorosos. É por isso que, ao falar sobre esse narrador, eu, que me enamorei por suas errâncias, coloco a minha voz, mesmo que de maneira tímida.

Quando falo sobre o Noll, fico ligeiramente emocionada, porque é alguém que conheci e admirei como pessoa antes de como autor. Provavelmente por isso, até aqui tracei praticamente só os caminhos de seu narrador. Mas creio que falar sobre esse narrador é também falar um pouco do próprio autor. Não faço a confusão entre o autor empírico e o narrador, até porque a figura do Noll era muito mais silenciosa diante de nós, um contraste com o seu narrador, que não usa eufemismo, é puro impulso. A comparação se dá porque, assim como seu narrador, eterno

deambulador no espaço-tempo, não sabe para onde está indo, Noll dizia que, durante a escrita, também não tinha um rumo, conforme aponta: “Eu sou um autor da linguagem. Quando sento na frente do computador não sei o que vai dar. Tenho dito que sou um escritor pulsional. [...] Não há controle sobre a criação. Não tenho a menor ideia da próxima linha. Para mim o mistério da literatura é o culto da indeterminação. A função do escritor é fazer uma elegia do difuso e do indeterminado”³. Talvez, não mais que talvez, seja essa parte de Noll que se manifeste em seu narrador.

Entretanto, cabe destacar que Noll foi um premiado escritor gaúcho. Ganhador de cinco prêmios Jabutis e finalista de diversos concursos literários; cursou a faculdade de Letras e trabalhou como jornalista e revisor. Publicou dezenove livros, nas categorias romance, contos e literatura juvenil.

Considerando isso, sublinho meu objetivo com esta dissertação: abordar a escrita-desejo, no romance *Acenos de afagos* (2008), por meio da perspectiva erótica, que é tão rica e abundantemente encontrada nas obras do autor. O erotismo não está gratuitamente nessas obras, ele traz a profundidade da alma do narrador, que está em busca de algo. Esse narrador sobrevive de uma busca. É, sobretudo, a busca por algo que lhe falta enquanto entendimento de si mesmo. E essa falta é a matriz propulsora de que o narrador necessita e a que faz com que ele procure se encontrar, se completar. Ainda que a busca por completude seja ilusória, pois somos seres descontínuos e o seremos sempre, o narrador vislumbra através dela uma totalidade. A essa constante busca podemos chamar, de certa forma, erotismo.

Com base no que foi anteriormente discutido, a proposta do presente trabalho será responder a seguinte questão: como a escrita-desejo se manifesta na obra *Acenos e afagos*, de João Gilberto Noll?

Esta dissertação organiza-se em três capítulos. No primeiro, será feito um estudo acerca da teoria do erotismo a partir do livro *O erotismo*, de Georges Bataille, partindo de um estudo sobre o desenvolvimento da sociedade desde a Antiguidade. Além de Bataille, será utilizado como aporte teórico para o estudo em questão a obra *O homem e o sagrado*, de Roger Caillois. No segundo capítulo será desenvolvido um estudo acerca de expressões-chave que são muito utilizadas nas

³ BARBERENA, Ricardo Araújo. Noll, nosso contemporâneo. BRANDÃO. Luís Alberto. In: *Canção para João Gilberto Noll*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

obras de Noll, analisando como elas contribuem para a escrita-desejo em *Acenos e afagos*.

Por fim, no terceiro e último capítulo, com base nos estudos teóricos dos capítulos anteriores, farei uma análise do romance *Acenos e afagos* (2008), buscando identificar a escrita-desejo presente na obra.

Para concluir, são apresentadas as considerações finais, seguidas das referências.

1 EROTISMO

1.1 O SURGIMENTO DO EROTISMO

O erotismo está presente nos escritos desde a antiguidade. Platão, em *O Banquete* (1991), por exemplo, já discutia o assunto, nos diálogos sobre o amor. Ainda assim, divergentes concepções contribuíram para que obras literárias que o apresentassem como tema caíssem em um lugar-comum e muitas vezes afrontassem a sociedade moralista. Não há como negar, porém, que, por se tratar de uma condição humana, o erotismo está presente na literatura desde o início da construção da linguagem. Ou desde que o homem tomou consciência de si.

O conceito de erotismo a ser abordado neste trabalho foi elaborado pelo filósofo francês Georges Bataille, que fez um estudo bastante consciente e profundo acerca do tema. Em seu livro *O erotismo*, publicado em 1957, o estudioso perpassa a história da humanidade, inserindo este tema de maneira bastante cuidadosa, desde o início das civilizações. Para ele, não se pode falar em erotismo sem que falemos também nas questões de religião, da história do homem e da inserção do trabalho na vida em sociedade, salientando que “Em certo sentido, este livro se reduz à visão de conjunto da vida humana, incessantemente retomada a partir de diferentes pontos de vista” (BATAILLE, 2017, p. 30). Aquilo que o filósofo pretende abordar nesse estudo vai além da simples realidade-realização no âmbito sexual, trazendo acima de tudo uma análise da sociedade e de seu desenvolvimento. A construção do que é ou não erótico em cada sociedade passa profundamente pelo universo cultural de um dado momento histórico vivido por ela.

Tendo por base o estudo de Bataille (2017), traço aqui minha predileção pelo autor, que tão bem esclareceu os efeitos do desenvolvimento da passagem do animal para o homem, introduzindo a prática erótica como exclusivamente humana, ou seja, o ser humano se constrói à medida que ganha capacidade de erotizar o mundo, sua relação com o outro.

Considerando que o erotismo surgiu junto com a criação da ordem, ou seja, dos interditos, mas também da transgressão, podemos compreender que só foi possível estudá-lo a partir da história do homem, das civilizações. Para isso, Bataille

(2017) busca entender como ocorreu a transição do animal ao homem, na Antiguidade. Embora haja muitas lacunas sobre essa passagem, há indícios que corroboram para chegar a algumas constatações. Um desses indícios diz respeito ao trabalho, além da possibilidade da criação de regras que esse homem, supõe-se, elaborou para viver em sociedade. Uma dessas constatações recai sobre o fato de que os

[...] homens fabricaram ferramentas e as utilizavam para prover sua subsistência; depois, sem dúvida em pouco tempo, para satisfazer “necessidades” supérfluas. Numa palavra, distinguiram-se dos animais pelo *trabalho*. Paralelamente, impuseram-se restrições conhecidas pelo nome de *interditos* (BATAILLE, 2017, p. 54).

Conforme o exposto, para garantir seu sustento, o homem da antiguidade construía suas ferramentas e, passando a trabalhar, tais interditos recaíram sobre a atitude dele para com os mortos. O filósofo ainda pontua que “provavelmente tenham tocado ao mesmo tempo - ou à mesma época – a atividade sexual” (BATAILLE, 2017, p. 54).

Bataille (2017) verifica que foi nessa época o homem passou a desenvolver uma consciência em relação à morte, pois foram encontrados resquícios ósseos que indicam a sepultura dos mortos, o que leva a crer que o ser humano desenvolveu uma preocupação para com o seu próprio fim, isto é, percebeu que algum dia morreria. Portanto, descobriu que é um ser finito.

Contudo, o homem ao qual o autor se refere não é, como ele mesmo destaca, “exatamente um homem”, pois esse ser ainda não havia “atingido a postura ereta e o crânio não diferia tanto do dos antropoides”; foi esse, a que Bataille chama *Homem de Neandertal*, quem primeiro sepultou seus mortos (BATAILLE, 2017, p. 54). Esse homem ainda está em processo de descobertas, de evolução, não tendo até aquele momento desenvolvido as capacidades de reflexão, da consciência sobre si, mas já havia a consciência da morte.

Esses vestígios de trabalho, confirmados pela existência de ferramentas e pelo sepultamentos dos mortos, datam do *Paleolítico inferior* e do *Paleolítico médio*, respectivamente, indicando ao estudo do filósofo que esse longo tempo equivale à mudança do animal à configuração do ser a que nomeamos de homem. Bataille acrescenta que:

Podemos admitir somente que eles trabalhavam, já que temos suas ferramentas. Já que o trabalho, ao que parece, engendrou logicamente a reação que determina a atitude diante da morte, é legítimo pensar que o interdito que regula e limita a sexualidade também foi um contragolpe ao trabalho, e que o conjunto dos comportamentos *humanos* fundamentais — trabalho, consciência da morte, sexualidade contida — remontam ao mesmo período recuado (BATAILLE, 2017, p. 54).

Todos esses aspectos contribuiriam para compreender tal transição. Dito isso, Bataille (2017) constata que essa nova concepção de homem sai dessa fase: “trabalhando, compreendendo que morria e deslizando da sexualidade sem vergonha à sexualidade envergonhada, de que o erotismo decorreu” (Bataille, 2017, p. 55).

Bataille (2017) ainda aponta a interdição e a transgressão como pontos-chave do erotismo, visto que tanto a restrição quanto a sua respectiva ruptura são aspectos basilares da construção do homem. Tais interdições surgiram com a intenção de organizar a convivência entre os membros de um grupo e estão intimamente ligadas ao trabalho e à disciplina. Todavia, o trabalho que o filósofo francês menciona são as atividades que o homem desenvolveu para poder viver em sociedade com a intenção de disciplinar-se, e elas também tinham a intenção de limitar as práticas sexuais, pois o trabalho demandava forças que não podiam ser desperdiçadas com a prática sexual. Por isso os homens instituíram restrições para ordenar sua própria conduta diante do grupo, ocasionando dessa forma o controle da violência e a organização da vida social. Sem essa disciplina, possivelmente reinaria a desordem, dificultando a sobrevivência do grupo. Essa organização é o que chamamos de interdito, visto que a criação de ordenamento segue a via de restrições, proibições.

Em vista do exposto, pode-se atribuir a essas três etapas civilizatórias – a consciência da morte, o trabalho e a sexualidade contida – o afastamento do homem da animalidade. Essa transição é bastante pertinente, posto que o afastamento da animalidade inseriu o homem no mundo da moral:

[...] o homem atribuiu a si mesmo, no mundo da moral, um valor que os animais não tinham e que se elevou bem acima deles. O valor supremo coube aos homens, em oposição aos seres inferiores, na medida em que "Deus o fez à sua imagem", em que, conseqüentemente, a divindade, escapou definitivamente à animalidade. Só o diabo guardou a animalidade como atributo, a animalidade que a cauda simboliza e que, correspondendo

inicialmente à transgressão, é, sobretudo, signo de decadência (BATAILLE, 2017, p. 161).

Dessa maneira, os interditos contribuem para a diferença entre o ser humano e o animal e, da mesma forma, para caracterizar a aproximação com a ideia de continuidade que o homem sente por saber que é finito.

Bataille abre o primeiro capítulo de *O erotismo* elucidando que:

O erotismo é um dos aspectos da vida interior do homem. Enganamo-nos quanto a isso porque ele busca incessantemente *no exterior* um objeto de desejo. Mas esse objeto responde à *interioridade* do desejo. [...] O erotismo do homem difere da sexualidade animal justamente por colocarem questão a vida interior. *O erotismo é na consciência do homem o que nele coloca o ser em questão*. A sexualidade animal também introduz um desequilíbrio, e esse desequilíbrio ameaça a vida, mas o animal não o sabe. Nada está aberto nele que se assemelhe a uma questão (BATAILLE, 2017, p. 53).

Essa interioridade, que corresponde à subjetividade, corrobora para a diferenciação entre o homem e o animal. O homem põe seu ser em questão, o animal não. A este, ao que se supõe, a interioridade é dada, e não algo que se possa escolher, é inato, não deliberado. Àquele é dado o benefício da escolha, portanto compreende seu objeto de desejo.

Os animais são desprovidos de erotismo. No entanto, como sabemos, ambos, homens e animais, têm sexualidade. A diferença reside em que estes não escolhem seus pares, é a natureza, o instinto que faz essa escolha. É uma força que os impulsiona àquela ação e, possivelmente, o animal, assim como o homem, sinta prazer. É importante salientar que o erotismo não tem como resposta o prazer – compreende o prazer, mas ultrapassa-o. O erotismo é também a sexualidade do ser consciente de si, ou seja, do homem consciente de sua existência e de sua finitude. O animal não tem consciência disso. O erotismo é uma ampliação dessa consciência que é, pois, essencialmente humana.

Para além dos apontamentos anteriores, outro estudioso acerca do erotismo insere outra forma de compreendê-lo. Octávio Paz (1994), poeta e ensaísta mexicano, traz à discussão do tema uma reflexão que se soma à de Bataille. Também defende que o erotismo é uma condição apenas do ser humano, mas acrescenta a essa ideia a de que os seres humanos são dotados de imaginação. Por

esse motivo, Paz (1994) dá à imaginação-fantasia um lugar de destaque quando fala em erotismo. Para o poeta, o erotismo é fundamentalmente movido pela fantasia:

A primeira coisa que diferencia o erotismo da sexualidade é a infinita variedade de formas em que se manifesta, em todas as épocas e em todas as terras. O erotismo é invenção, variação incessante; o sexo é sempre o mesmo. O protagonista do ato erótico é o sexo ou, mais exatamente, os sexos. O plural é obrigatório porque, incluindo os chamados prazeres solitários, o desejo sexual inventa sempre um parceiro imaginário... ou muitos. Em todo o encontro erótico há um personagem invisível e sempre ativo: a imaginação, o desejo (PAZ, 1994, p.16).

Ao passo que a sexualidade é invariável, o erotismo busca novas peculiaridades e novas nuances, permitindo variações. A imaginação manifesta a subjetividade no ato sexual, tem caráter criativo, enquanto o sexo em si é apenas físico: “No ato erótico intervêm sempre dois ou mais, nunca um. Aqui aparece a primeira diferença entre sexualidade animal e o erotismo humano: neste, um ou mais participantes podem ser um ente imaginário.” (PAZ, 1994, p. 16). Em outras palavras: no ato erótico a imaginação é uma personagem sempre presente, alimentando o desejo e evocando o erotismo do sexo.

1.2 INTERDITO E TRANSGRESSÃO

O surgimento dos interditos está intrinsecamente ligado ao das transgressões, pois é a partir das proibições que as transgressões passam a ter validade, elas são a ruptura. Observando a exposição dos editores do livro *O erotismo*, de Bataille, lançado pela editora L&PM (1987, p. 03): “A essência do erotismo é, assim, ser a transgressão por excelência, dado que ele é resultado da atividade sexual humana enquanto prazer e, ao mesmo tempo, consciência do interdito”. Esse pequeno excerto explicativo emite um alerta: Bataille não só está tratando de um prazer erótico que, como já sabemos, é exclusivamente humano, mas, sobretudo está indicando que ele é acima de tudo é uma fenda no interdito. Não exclui a proibição, mas a ultrapassa.

Quando há rupturas nos interditos, há um abalo na ordem, por assim dizer: ocorreu uma transgressão. A transgressão nada mais é do que a cisão da ordem previamente estabelecida. Ela traz consigo a desordem, o excesso. Em certa

medida, podemos relacioná-la aos festins dionisíacos onde o vinho e a orgia eram motivos de desequilíbrio da ordem (BATAILLE, 2017). No entanto, é importante observar que a transgressão não pode ser entendida como o fim da interdição, porque surge com o intuito de provocar um desequilíbrio do ser, desequilíbrio este que é essencial para sair da inércia. O erotismo é o desequilíbrio que nos faz colocar nosso ser em questão: “O erotismo é, na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão.” (BATAILLE, 2017, p. 53). Em suma, o erotismo é um aumento de intensidade, de vibração, de uma força que, persuadindo um contorno, eclode e abre novas possibilidades. O erotismo, para ser completo, necessita tanto da transgressão quanto da interdição.

Além disso, Bataille (2017) alude que a sociedade humana é composta concomitantemente pelo profano e pelo sagrado. Eles são complementares, ou seja, a sociedade humana não é apenas o mundo do trabalho. O mundo profano abarca a esfera dos interditos. Já o mundo sagrado, abre-se a transgressões limitadas. O mundo sagrado é aquele da festa, dos soberanos e dos deuses (BATAILLE, 2017). O filósofo pontua que os homens estão subordinados a dois movimentos: “terror, que rejeita; de atração que impõe o respeito fascinado. O interdito e a transgressão correspondem a esses movimentos contraditórios: o interdito rejeita, mas a fascinação introduz a transgressão” (BATAILLE, 2017, p. 92). Pode-se dizer que o homem está condicionado por essas duas forças, uma que ele repele, outra que o deslumbra.

Outro estudioso acerca da história do homem e, portanto, da criação dos interditos e das transgressões, é o sociólogo francês Roger Caillois. Acerca dos interditos, Caillois sublinha que

No estado de licença do primeiro tempo, os interditos não existiam. Os antepassados, ao instituí-los, fundaram a boa ordenação e o bom funcionamento do universo. Eles determinaram de uma vez para sempre as relações dos seres e das coisas, dos homens e dos deuses. Traçaram as partes do sagrado e do profano, definiram os limites do permitido e do proibido (CAILLOIS, 1988, p. 24).

Para que fosse possível viver em sociedade, foi necessária a instituição de proibições, de vetos para que o convívio tivesse uma limitação entre os sujeitos. O sagrado e o profano passaram a ser definidos e, com isso, vieram as imposições. Profano e sagrado são tão antagônicos quanto complementares, e é essa dicotomia

que possibilita o funcionamento do grupo (CAILLOIS, 1988). No entanto, mesmo traçados os limites entre eles, ambos necessitam um do outro, porque a anulação de um significaria a inexistência de ambos, com a consequente falência desse equilíbrio que institui a sociedade.

A pesquisa de Caillois corresponde ao estudo do sagrado pelo viés da religião; entretanto, a aplicação do tema é pertinente ao estudo do erotismo por fazer referência direta aos interditos e à transgressão, os quais são pontos cruciais na antropologia das sociedades. Conforme o estudioso: “Ambos formam um sistema do qual se não pode isolar elemento algum e que encontra apenas a explicação numa análise onde eles estão em vigor” (CAILLOIS, 1988, p. 60). Sem essas forças opostas, interdito e transgressão, não seria possível entender as imposições de regras e à violação a elas, uma vez que uma não existiria sem a outra. Ademais, os interditos têm por função primeira exercer o controle da ordem, e isso faz com que, para entendê-los, exista a transgressão que vem a galope, rompendo com a ordem imposta pela proibição.

A vida humana está estruturada pelo trabalho e pela razão. Todavia, o trabalho não mantém o homem totalmente refém dele e, por isso, entende-se que a razão nos orienta, motivo pelo qual Bataille (2017) afirma que nossa obediência nunca é ilimitada. Por conta disso, o homem precisou valer-se do trabalho como forma de construir uma barreira contra a violência, mesmo que a violência ainda permaneça nele.

O trabalho ganha singular relevância nesse ínterim, porque encontra-se no plano do controle da ordem, mantendo o homem ciente da organização necessária para viver em sociedade. O labor exige um comportamento controlado, pois canaliza os instintos. Sem essa lei laboral, o homem se perderia, extravasaria os excessos de maneira tal que o colocaria em risco: se larga o trabalho, corre o risco de ficar sem alimento e de morrer de fome. A despeito disso, nada garante que a violência não volte a dominá-lo: “uma violência pode nos dominar de novo que não é mais a violência natural, que é a violência de um ser de razão, que tentou obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão” (BATAILLE, 2017, p. 63).

Bataille (2017, p. 64) aponta que “se não pudéssemos refrear esses movimentos, não poderíamos trabalhar”. Movimentos esses tumultuosos, na medida

em que se trata de excessos – a violência que sobressai à razão. E é por esse motivo que o trabalho passa a ter importância. Como bem pontua o francês: “Desde os tempos mais remotos, o trabalho introduziu um intervalo, graças ao qual o homem cessava de responder por impulso imediato comandado pela violência do desejo” (BATAILLE, 2017, p. 64). O trabalho que se manifesta em forma do interdito traz em seu âmago a manutenção da violência: é necessário controlá-la para viver em sociedade. Os interditos surgiram como tentativa de eliminar a violência: da reprodução sexual e da morte. Contudo, a sua eliminação é impossível, restando apenas o controle.

O mundo humano é, pois, aquele que assinala a saída do homem da animalidade, inserindo-o no mundo do trabalho. Além disso, as práticas eróticas, que são aquelas sem a reprodução como finalidade, não têm utilidade para o grupo, visto que geram um gasto de energia que afastaria o homem do trabalho. No entanto, a prática erótica também não está no universo animal. O erótico está justamente no limiar entre o controle da violência e a sua respectiva transgressão. Ele reside na oscilação entre o animal e o humano. Para entender o erótico, portanto, se faz necessário compreender a ideia de interdito e transgressão, além da busca por continuidade.

Impor limites à prática sexual desencadeou um novo sentido a ela: antes tida como impulso animal, foi regulada e passou a ser realizada com moderação. É a partir dessa contenção que a prática sexual torna-se erótica. O erotismo está ligado à ordem e à transgressão, às condutas que limitam a prática sexual: “O interdito não significa necessariamente a abstenção, mas a prática em forma de transgressão” (BATAILLE, 2017, p. 98). O interdito contém, regula o desejo, mas não o suprime.

O homem da antiguidade, ao ver o cadáver de um semelhante, passa a perceber que sua vida é finita e compreende “a passagem do estado vivo ao cadáver” (Bataille, 2017, p. 68), o que faz com a morte abra uma fenda na ordem que o trabalho havia construído. “Ela [a morte] destruirá a todos” (BATAILLE, 2017, p. 68). Isso gera um desassossego naqueles que a presenciam, agora sabedores de seu próprio fim:

[...] testemunha uma violência que não apenas destrói um homem, mas que destruirá todos os homens. [...] A representação da violência, que, em particular, devemos atribuir aos homens primitivos,

só pode ser entendida em oposição ao movimento do trabalho que uma operação razoável regula (BATAILLE, 2017, p. 68).

Nesse contexto, Bataille (2017) vê a morte como o signo da violência. O homem dessa época a interpretava como violência. E para resguardar o cadáver dos animais, bem como pelo fato de a morte constituir “um perigo mágico capaz de agir por contágio” (BATAILLE, 2017, p. 70), pelo qual o pensamento transitava, é que se originou a inumação. O sepultamento surge com a intenção de preservar primeiro o homem que está vivo e, por conseguinte, preservar o corpo morto de outras violências.

O filósofo ainda faz mais considerações quanto à morte e a violência. Segundo Bataille (2017, p. 71), “aos olhos dos homens arcaicos, a violência é sempre causa da morte”; porém, “há sempre um responsável, há sempre um assassinato”. Por esse motivo é que deve-se haver um afastamento da violência, para evitar o “contágio”. Mas isso é verdadeiro apenas para os membros de uma comunidade que atuam plenamente no interior dela. Para os estrangeiros à comunidade, por exemplo, o interdito pode ser transgredido em casos de guerra.

No que tange à guerra é possível compreendê-la como uma empresa organizada, que segue preceitos acordados entre as partes envolvidas:

A guerra, em certo sentido, se reduz à organização coletiva de movimentos de agressividade. É, como o trabalho, coletivamente organizada; como o trabalho, ela se atribui uma finalidade, corresponde ao projeto refletido daqueles que a conduzem. Isso não quer dizer que a guerra e a violência se oponham. Mas a guerra é uma violência *organizada*. A transgressão do interdito não é a violência animal. É ainda a violência, exercida por um ser capaz da razão (colocando no caso a sabedoria a serviço da violência) (BATAILLE, 2017, p. 88-89).

Nesse caso, o interdito é suspenso e cede lugar à transgressão. Em que pese isso, nessa conjuntura, trata-se de uma transgressão organizada, dado que a guerra tem objetivos traçados e acordos pré-estabelecidos. Há aqui um deslocamento do interdito, mas não o seu apagamento por completo.

O interdito é uma espécie de gatilho para as impulsões. A proibição desperta nos seres humanos certa necessidade de violação. Se o ser humano apenas aceitasse a imposição e não tentasse transgredi-la, o sentido da vida seria outro, possivelmente estaríamos todos nós robotizados pelas proibições, aceitando tudo o

que nos é dado e vivendo sem os prazeres possíveis, o que, paralelamente nos tornaria uma bomba-relógio prestes a explodir e destruir o pacto social. Nas palavras de Bataille (2017, p. 110): “A vida é em sua essência um excesso, a vida é a prodigalidade da vida. Sem limite, esgota suas forças e seus recursos; sem limite, aniquila aquilo que criou”. Somos seres angustiados, precisamos dos interditos para nos conter, mas também para gozar.

André Comte-Sponville reflete sobre angústia de maneira que seu estudo vem ao encontro do presente trabalho. Ele se pergunta “o que é mais angustiante do que nascer? E o que é mais angustiante do que morrer?” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p.11). O filósofo traz à baila a angústia como ponto chave da vida. É ela que nos desestabiliza e, por isso, nos move. Pontua que nascemos na angústia e morreremos nela. E entre nascimento e morte angustiantes, há a vida, que se torna tão angustiante pela consciência que temos da morte, além dos medos que vamos criando dia após dia. Afinal, “o que é que é a angústia, senão esse sentimento em nós, com ou sem razão, da possibilidade imediata do pior?” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 11). O medo e angústia andam de mãos dadas e nos dão o impulso para (sobre)viver.

O autor faz novas perguntas: “O que seria o homem sem a angústia? A arte sem a angústia? O pensamento sem a angústia?” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 11). O questionamento do autor é intrigante, porque é possível compreender a vida como uma busca incessante, uma maneira de provarmos o excesso. A angústia é ultrapassagem, e de certa forma isso é viver e isso é desafiar, expandir os limites do ser. A angústia é uma espécie de vibração, uma força que todos temos, mas não temos certeza do que é. Possivelmente seja um excesso além das nossas capacidades de entendimento. Não devemos superá-la, devemos dimensioná-la, tornando-a produtiva, pois nela reside o sentido de estarmos vivos.

O erotismo reside nestes dois pontos: a experimentação e a rejeição. O desejo é justamente esse: ultrapassá-lo, mas não esgotá-lo. Gozar a vida em suas mais diversas possibilidades. Questionamo-nos sobre sair da inércia ou viver nela, pois a vida é arriscar, tentar, acertar e errar. Colocar-se em perigo e sair dele. Andar à espreita. Viver de dentro para fora. O erótico é correr riscos.

O erotismo como atividade humana é o enfrentamento da angústia, a qual tem o sentido positivo de impulso e desejo de ampliação de si, melhor dizendo, o

que fundamenta a angústia como necessidade é o fato de que necessitamos atravessar a fronteira de si, é a eterna luta contra o excesso, bem como contra a violência animal através da instauração de proibições como ordenação da violência e a necessidade igualmente da energia da transgressão. Somos movidos pelo impulso.

1.3 EROTISMO E MORTE

Bataille (2017) aproxima o erotismo da morte, utilizando-a como metáfora. A morte aqui é compreendida apenas como o encerramento de um estado, e não como o fim total. É o fim de um estado para o começo de outro.

Em seu estudo sobre o erotismo, Bataille (2017) realiza a aproximação do sagrado e do voluptuoso/sensual, buscando pontos de convergência entre esses tão dissonantes conceitos. O filósofo demonstra que ambas as esferas podem conviver tanto com as possibilidades castas quanto com a volúpia, sendo que essa convivência não deverá intervir nas relações afetivas, dado o caráter prazeroso que vem acoplado ao profundo conceito de erotismo. Conforme Bataille:

[...] entre os seres há um abismo – uma descontinuidade. Aquilo que, com o trabalho, esse homem reconheceu de pavoroso e transtornador – e mesmo de maravilhoso – é a morte [...] E esse abismo é a morte. Somos todos seres descontínuos (BATAILLE, 2017, p. 67).

Para Bataille (2017) a morte tem sentido de continuidade do ser. A reprodução, por seu turno, leva à descontinuidade dos seres, mas põe em jogo a continuidade, e isso está ligado à morte:

A mesma continuidade não pode aparecer na morte dos seres sexuais, cuja reprodução é em princípio independente da agonia e da desaparecimento. Mas a reprodução sexual, que em sua base coloca em jogo a divisão das células funcionais, do mesmo modo que na reprodução assexuada, faz intervir um novo tipo de passagem da descontinuidade à continuidade. O espermatozoide e o óvulo são, em seu estado elementar, seres descontínuos, mas *se unem* e, em consequência, uma continuidade se estabelece entre eles para formar um novo ser, a partir da morte, da desaparecimento dos seres separados. O novo ser é, ele próprio, descontínuo, mas traz em si a

passagem à continuidade, a fusão, mortal para cada um deles, dos dois seres distintos (BATAILLE, 2017, p. 38).

Essa ideia de continuidade via reprodução a que Bataille se refere é momentânea, efêmera, pois acontece apenas no momento em que se unem as células, que são descontínuas, para formar um novo ser. Entretanto, no momento seguinte à acoplagem dessas células, elas darão vida a um ser descontínuo. A beleza da continuidade está nesse pequeno momento de junção.

Embora saibamos da descontinuidade que é inerente ao homem, sobre a conjugação dos corpos precisamos entender que a sexualidade erótica é, e somente é erótica, quando ela ultrapassa a ideia de reprodução e vai além, ao encontro da realização pelo prazer, representando uma busca, algo que seja oposto do instinto puramente animal, a partir do qual chegamos, mais uma vez, à reprodução. A atividade sexual que visa unicamente à reprodução, visto que ilusoriamente daria origem à uma continuidade, é meramente sexual, não erótica, tal qual como ocorre com os animais.

Bataille (2017) esclarece que os vestígios da atividade sexual dos primeiros homens são mais recentes, não indo além do Paleolítico superior. Contudo, o que se sabe é que a atividade sexual despertou interesse nos homens desse período. Devido a limitação de comprovações acerca desse aspecto, o filósofo vale-se de imagens itifálicas, as quais ele sublinha que testemunham apenas uma liberdade relativa. No entanto, segundo ele, elas não servem como provas. Bataille (2017) completa acerca do tema que

Podemos dizer apenas que, em oposição ao trabalho, a atividade sexual é uma violência; que, enquanto impulsão imediata, ela poderia atrapalhar o trabalho: uma comunidade laboriosa, no momento do trabalho, não pode permanecer a sua mercê. Somos, portanto, levados a pensar que, desde a origem, a liberdade sexual deve ter tido que receber um limite a que devemos dar o nome de interdito, sem nada poder dizer dos casos a que se aplicava. Quando muito, podemos crer que, inicialmente, o tempo do trabalho determinou esse limite (BATAILLE, 2017, p. 74).

Considerando o pensamento do estudioso, é possível entender que a atividade sexual é considerada uma violência, porque poderia criar uma fenda no interdito do trabalho. Caso não houvesse uma limitação, haveria nessa comunidade um prejuízo à ordem. O trabalho, pelo que se vê no excerto acima, limitou o tempo

de exposição à atividade sexual, criando uma fronteira entre uma atividade e outra. Durante o tempo do labor não se faz outra coisa. É possível ainda inferir que, por motivos de preservação da ordem, o homem e a mulher geralmente buscam um local discreto no momento da conjunção sexual; contudo, a atividade sexual e a forma como ela ocorre, além do sexo à mostra, “varia de acordo com os tempos e os lugares” (BATAILLE, 2017, p. 74).

Bataille afirma que “do erotismo, é possível dizer que é a aprovação da vida até na morte” (BATAILLE, 2017, p. 35). Sublinha que animais e humanos têm a experiência sexual, porém, ao que se sabe, apenas os humanos fizeram dela uma experiência erótica:

A atividade sexual de reprodução é comum aos animais sexuados e aos homens, mas, aparentemente, apenas os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, ou seja, uma busca psicológica independente do fim natural dado na reprodução e no cuidado com os filhos (BATAILLE, 2017, p. 35).

Considerando as reflexões do filósofo acerca dos animais, compreende-se que eles têm como instinto final a reprodução pelo ato sexual. À medida que o homem passou a rejeitar o seu caráter animal, bestial, o erotismo passou tomar forma, a ser característico do homem, passou a existir: “A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela só o é quando deixa de ser rudimentar, simplesmente animal” (BATAILLE, 2017, p. 54). Em resumo, a prática sexual é comum a homens e a animais, ao passo que, se para os animais ela nunca é erótica, para o homem ela não o é obrigatoriamente.

Bataille discute a importância de entender as lógicas distintivas entre homens e animais, posto que a prática sexual humana não necessariamente resulta em reprodução, enquanto a prática sexual animal tem, por instinto e por objetivo, a reprodução. No que tange à reprodução é importante esclarecermos que ela coloca em jogo seres descontínuos, que somos nós, seres humanos. Relembro que foi a igreja católica que uniu o entendimento de sexo e reprodução, sendo a liberdade feminina do direito ao prazer sem reprodução um marco na modernidade (BATAILLE, 2017). Dito isso, a reprodução coloca-nos em xeque e nos lança a um abismo de descontinuidade:

A reprodução coloca em jogo seres descontínuos. Os seres que se reproduzem são distintos uns dos outros e os seres reproduzidos são distintos entre si como são distintos daqueles que provieram. Cada ser é distinto de todos os outros. Seu nascimento, sua morte e os acontecimentos de sua vida podem ter para os outros algum interesse, mas ele é o único interessado diretamente. Ele só nasce. Ele só morre. Entre um ser e outro, há um abismo, há uma descontinuidade. [...] Esse abismo é profundo, não vejo como suprimi-lo (BATAILLE, 2017, p. 36-37).

Segundo Bataille (2017), somos todos seres descontínuos. Nascemos e morremos sozinhos. Mesmo que haja outros seres que se interessem por nós e se preocupem conosco, estamos/somos isolados uns dos outros. Todavia, esse estar sozinho e o fato de sermos seres descontínuos, leva-nos a compreender um pouco melhor essas duas dissonantes práticas, a prática da reprodução e a prática erótica, que, embora estejam em situações opostas, constituem o jogo erótico. A prática reprodutiva simboliza a presença da descontinuidade dos seres que, por um efêmero momento, coloca em xeque a continuidade; já a prática erótica, simboliza a fantasia, a imaginação, e não necessariamente a atividade sexual, indo além do ato propriamente dito. Vejamos:

A reprodução leva à descontinuidade dos seres, mas põe em jogo sua continuidade, ou seja, está intimamente ligada à morte. Falando da reprodução dos seres e da morte, me esforçarei por mostrar a identidade entre a continuidade dos seres e a morte que são, uma e outra, igualmente fascinantes e cuja fascinação domina o erotismo (BATAILLE, 2017, p. 37).

A morte a que o autor se refere é metafórica. Apesar de sermos seres descontínuos e de morrermos isoladamente, trazemos conosco a nostalgia da continuidade que perdemos (BATAILLE, 2017). É essa pequena fração de continuidade que, em seguida, nos leva à descontinuidade dos seres, que representa a morte a que o autor se refere. É a morte de um instante (*la petite mort*), o orgasmo, de um estado para o nascimento de outro. Podemos dizer que vida e morte não são incompatíveis, são, na mesma medida, complementares. A morte, conforme o autor “é fascinante e própria do erotismo”:

Na base, há passagens do contínuo ao descontínuo ou do descontínuo ao contínuo. Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Suportamos mal a situação que

nos prende à individualidade fortuita que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecível, temos a obsessão de uma continuidade primeira que nos une geralmente ao ser. [...] essa nostalgia determina em todos os homens as três formas do erotismo (BATAILLE, 2017, p. 39).

Estamos fadados, ao percorrermos este grande roteiro que é a vida, a momentos que versam do descontínuo ao contínuo e vice-versa. Sempre alicerçados pela nostalgia de continuidade perdida é que buscamos no erotismo uma maneira de alcançar a completude e a continuidade. O erotismo é uma forma de recusar o isolamento do qual o ser humano é consciente: “O erotismo é na consciência do homem, o que nele coloca o ser em questão” (BATAILLE, 2017, p. 53). O erotismo, em suma, tem por finalidade tirar o homem da descontinuidade em que ele está inserido, e a morte o tira dessa circunstância. Quando surge a crise do isolamento do ser, abre-se a porta para o desejo sexual. Em outras palavras, quando acontece um abalo na descontinuidade, ou seja, quando ela desestabiliza, o ser busca a completude. Eis o objetivo primeiro do erotismo: buscar a completude do ser mesmo sabendo que é ilusória.

Diante do exposto, Bataille (2017) passa a discutir as três formas, determinadas pela nostalgia, do erotismo (limitado aqui ao ato sexual): o dos corpos, o dos corações e o do sagrado. Essas formas estão relacionadas à necessidade de que o homem tem de buscar a substituição do isolamento a que está condicionado em sua completa descontinuidade. É a busca por um sentimento de continuidade profunda, a qual seria encontrada no contato com o outro, pelo desejo de nos completarmos no outro (BATAILLE, 2017).

O erotismo dos corpos corresponde à busca por fusão, ou seja, os seres substituem a descontinuidade quando dois corpos se fundem. O isolamento de si é perdido pela conjunção dos corpos. Quando há crise no isolamento, o sujeito busca no outro a tentativa de se completar-se.

Já o erotismo dos corações é motivado pela busca por completude e continuidade. Talvez esse seja o mais violento das três formas de erotismo, uma vez que dele surge uma desordem, sofrimento e desejo de morte.

O erotismo sagrado é caracterizado pelo desejo da imortalidade, que configura uma tentativa de continuidade introduzida na descontinuidade dos seres.

Ele representa um além do real, explicando-se pela transcendência, pela busca da plenitude como forma de eternidade, uma forma de nos completarmos no cosmos.

Dessa descontinuidade que é inerente, nasce uma necessidade de fundir-se ao outro para contornar, driblar a solidão, condição que repousa sobre todos nós e que nos faz conscientes de que nascemos sozinhos e morremos sozinhos. Eis a importância do erotismo: ele surge para que a vida não seja pesada, dura. Surge para quebrar o muro das normalidades que nos aprisionam. Surge para indicar uma vida possível. O erotismo é aceno, afago, agrado e por que não, afeto?

A partir daqui, com as constatações sobre o erotismo, conceito tão escorregadio quanto desafiador, convido à reflexão que recai sobre a obra *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll. Lanço-me ao abismo da incompletude que clama por afagos a esse narrador tão carente de si mesmo quanto complexo. Ele(a) funde-se pelo amor, por si ou por outrem?

2 FRAGMENTOS DE UM DISCURSO ERÓTICO-AMOROSO EM ACENOS E AFAGOS, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Inspirada na obra *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981), de Roland Barthes, busquei realizar um pequeno dicionário de fragmentos de discurso erótico-amoroso, a partir do livro *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll. A proposição deste capítulo se deu pela presença incansável de similaridades entre as obras de Noll, na observação de que alguns elementos são frequentes nas narrativas desse autor. Entretanto, para a presente proposta utilizei apenas *Acenos e afagos* por considerá-la bastante consistente para o objetivo. Nesse sentido, os fragmentos sugeridos têm como finalidade reforçar a presença do discurso erótico presente na obra do autor.

O capítulo segue uma organização similar ao texto de Barthes, com fragmentos do próprio estudioso francês, e alguns excertos do livro do Noll, assim como também inclui novos fragmentos que julguei necessário criar. A elaboração de novos fragmentos é simples: Noll tem uma forma diferente de criação e nem toda narrativa dele é sobre o amor; elas são, sobretudo, narrativas de personagens esvaziados de si mesmos e em busca de um outro eu. Por esse motivo, a opção de elaborar e/ou adaptar os fragmentos de Barthes tomou esse rumo, com o propósito de agregar, e não de diminuir, a tão complexa e completa obra deste autor.

Em seus textos, João Gilberto Noll cria uma atmosfera libido-imaginária; isso se dá pelo fato de que seus narradores, em muitos casos, parecem estar em constante vertigem imaginária e sexual, não conseguindo definir o que é real e o que é fruto de sua imaginação. Esses personagens estão em constante transição e parecem nunca chegar a um lugar definitivo, concreto e/ou exato. Ao lermos, assumimos um posto de viajante junto ao narrador, e as paradas são transitórias. Somos jogados a um universo completamente instável, o qual queremos compreender. Devemos? Talvez não. Desejamos? Com toda a certeza.

Os narradores oscilantes vivem em incessante busca de uma nova identidade, de um novo eu. Demonstrem uma constante transição, não apenas espacial, e sim sobre si mesmos, partindo daquilo de que nós, seres humanos, somos feitos: corpo e mente. Nesse sentido, são personagens que buscam um novo corpo-imagem de si e uma nova forma de compreender sua vida. Essa vida que

jamais se encontrará estanque. O movimento é uma necessidade, é como uma fonte que os mantêm vivos.

O movimento espacial e/ou interno encontra acolhida em não-lugares ou lugares de passagem como hotéis e casas em cidades interioranas, como ocorre em *Acenos e afagos*, por exemplo. Nesta obra o real ganha contornos incertos e a incerteza é uma espécie de fio condutor das descobertas desse narrador tão cambiante que busca no desejo erótico transformar seu mundo.

Em *Acenos e afagos*, o leitor entra em um vertiginoso emaranhado de sensações e sai dali compreendendo a solidão, a paixão, a pulsão sexual, o deslocamento, a descoberta e a redescoberta desse narrador. Uma coisa é certa: ao fecharmos o livro já não somos mais os mesmos antes do encontro com a pulsão criativa e erótica de Noll.

Em *Acenos* somos apresentados a um narrador chamado João, o qual é apaixonado por um amigo. Já adulto, o protagonista rememora parte de sua infância, especificamente uma tarde em que ele e o amigo tiveram uma experiência íntima. Não copularam de fato, mas conheceram seus sexos. Essa imagem não saiu mais da cabeça do narrador. Adulto, ele ainda nutre essa paixão. Entretanto, o amigo parece não ter interesse além da relação de amizade.

Com o avançar da narrativa, o amigo convida o narrador para um inusitado passeio de submarino. Dentro dele, João descobre que o amigo está envolvido com alguém da tripulação, possivelmente o chefe. Desiludido, João desembarca no porto e retorna a Porto Alegre, cidade onde mora com a esposa e o filho adolescente.

João tem uma peculiaridade: está sempre em busca de aventuras sexuais e eróticas. Essas aventuras vão revelando que ele não consegue esquecer o amigo, e entre uma e outra experiência, acaba sendo agredido por um garoto de programa. A cena que se sucede à agressão é a de João acordando, mas como se estivesse em seu próprio velório. Na cena seguinte, ele passa a narrar uma espécie de paraíso com o amigo engenheiro, que supostamente o leva embora.

A partir desse momento, João é levado pelo amigo ao interior de Cuiabá, e lá passam a viver uma vida a dois. O interessante na narrativa é que não temos como precisar se o amigo realmente o buscou no hospital, ou se se trata de fruto de um delírio. Talvez esteja em coma, mas não há como precisar. Sendo delírio ou não, João narra sua nova vida com o amigo. Relata que percebe se transformando em

mulher, mas, que durante a noite, ele é o ser ativo da relação. O engenheiro viaja seguidamente, deixando João muito sozinho. Nessas incertezas, João vai traçando sua aventura amorosa.

A minienciclopédia que proponho advém das regularidades presente em algumas obras do autor.

ABIMAR-SE. “Lufadas de aniquilamento que atinge o sujeito apaixonado por desespero ou por excesso de satisfação” (BARTHES, 1981, p. 09).

Abismo em *Acenos* ocorre quando o ser apaixonado busca na imagem do ser amado uma ligação. No entanto, quando não há essa possibilidade de conexão, o ser apaixonado se vê perdido, não conseguindo mais buscar a imagem do outro. Nessa busca por recuperar a imagem do amado, o apaixonado vai da euforia à depressão, ao perceber a queda desse imaginário. O abismo aqui é o aniquilamento de si em prol da emoção em manter o ser amado em evidência.

Conforme aponta Bataille, ao discorrer sobre as três formas do erotismo: “nelas, o que está sempre em questão é a substituição do isolamento do ser, de sua descontinuidade, por um sentimento de continuidade profunda” (BATAILLE, 2017, p. 39). Assim, o abismo pode ser compreendido no que diz respeito à descontinuidade dos seres humanos. Ao buscar a continuidade, o ser apaixonado perde-se ao perceber que o ser amado não dispõe do mesmo sentimento para com ele, criando uma ruptura nesse imaginário.

AUSÊNCIA. “Todo episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado – quaisquer que sejam a causa e a duração – e tende a transformar essa ausência em prova de abandono” (BARTHES, 1981, p. 27).

O sujeito apaixonado está sempre presente e disponível para o seu amado. Já o ser amado, seguidamente está às voltas de partir em decorrência de seu misterioso trabalho. O sujeito apaixonado fica muito sozinho e introspectivo acerca da ausência do outro. E o outro, que se ausenta, não sente o mesmo que aquele que fica: apenas uma imensa espera, sentindo-se o eterno disponível, quase que imobilizado pela espera angustiada da volta do ser amado: “Talvez tivesse de encontrar no meu amigo a soma de todas as ausências” (NOLL, 2008, p. 66).

O apaixonado fica de tempos em tempos sozinho em casa à espera do amado. Não sabe para onde ele vai e nem quando retorna. Fica à deriva. E sublinha que “Enquanto ele permanecesse fora eu deveria seguir à risca o dia-a-dia que

vinha levando até aquela data. Era preciso que sua ausência passageira fosse sentida com a memória em estado de graça” (NOLL, 2008, p. 111).

ANDROGENIA. Qualidade do ser duplo, detentor dos dois sexos (feminino e masculino) (HOUAISS, 2009).

Segundo Aristófanés, em *O banquete* (1991), o andrógino era considerado o terceiro gênero e partilhava das características dos gêneros feminino e masculino. A origem, segundo o comediógrafo, vem da conjunção de Sol (macho) e Terra (fêmea), resultando na Lua, a espécie que reuniria as características dos outros dois, e, por esse motivo, todos são globulares.

Em *Acenos*, há um desejo de fusão por parte do apaixonado com o ser amado. Esse desejo é tão intenso que o próprio apaixonado transforma-se gradualmente em mulher. Contudo, segue mantendo a posição ativa durante o ato sexual. Durante o dia, o apaixonado faz às vezes de mulher, como ele mesmo pontua:

Em outras palavras, os possíveis pecados autistas do meu dia eram suplantados à noite pelo meu fervor carnal. Sentia-me cada vez mais mulher. Ou não: ao sentir alguma necessidade do passado, eu imediatamente reconstituía em mim o homem que tinha sido no império da juventude. [...] Em certos instantes me mostrava tão feminina agora, que me apaixonava, sim, pelo homem que fui. Em mim coabitavam os dois amantes. (NOLL, 2008, p. 106)

ANGÚSTIA: “O sujeito apaixonado, do saber de uma ou outra contingência, se deixa levar pelo medo de um perigo, de uma mágoa, de um abandono, de uma reviravolta – sentimento que ele exprime sob o nome de *angústia*” (BARTHES, 1981, p. 22).

Os sentimentos: o ciúme gera a inquietude, e ambos contribuem para desenvolver o da angústia. O sujeito apaixonado vive em uma espécie de incerteza para com o amado. Qualquer proximidade de outro desperta o ciúme, por medo de perdê-lo para outro. Em *Acenos*, o narrador vive na penumbra em relação ao sujeito que lhe desperta a paixão. Quando eles estão no interior do submarino alemão, o narrador, por perceber que o engenheiro, por quem nutre há anos um amor, está comprometido com o chefe da tripulação, fica com a mente inquieta. Sente-se de certa forma como se tivesse sido logrado. Após perceber que o amado está envolvido com chefe da embarcação, o sujeito apaixonado decide desembarcar e

seguir sua vida. No entanto, ao tentar esquecer o amigo, sente ciúmes por saber que o corpo do engenheiro está em outras mãos. Inquieto, resolve buscar outros para suprir a falta do sujeito amado. Angustiado pela desilusão, esse sujeito não vê como mudar o rumo da história. Transita a esmo.

CATÁSTROFE. “Crise violenta no decorrer da qual o sujeito, sentindo a situação amorosa como um impasse definitivo, uma armadilha da qual nunca poderá sair, se vê fadado a uma destruição total de si mesmo” (BARTHES, 1981, p. 34).

A catástrofe ocorre quando o sujeito apaixonado opta por deixar sua vida pregressa em detrimento da atual. Ele se funde à nova roupagem que veste. Não se vê mais como o pai de família. Ele busca uma nova vida com o amado, deixando para trás esposa e filho. Nesse momento, o sujeito apaixonado se reinventa a fim de suprir as necessidades do amor. Ele decide ser uma mulher para o seu homem: “O engenheiro tinha uma mulher que a noite lhe introduziria um cacete doído de bom. Pois essa mulher era eu. Precisava me acostumar à nova situação” (NOLL, 2008, p. 95).

CORPO. “Todo pensamento, toda emoção, todo interesse suscitado no sujeito apaixonado pelo corpo amado” (BARTHES, 1981, p. 62).

Durante alguns momentos dentro do submarino alemão, o sujeito apaixonado, em estado de excitação completa manifestada pela possibilidade de ter sua primeira relação sexual com a grande paixão de sua vida, se vê inebriado pelo corpo ao ser amado. Entretanto, esse ritual em que culmina no corpo todo erógeno do apaixonado não termina em ação sexual entre o ele e o ser amado:

Ali repentinamente comecei a enfrentar meu amigo engenheiro como quem dissesse: enfim chegou a nossa hora. Aos poucos meu corpo foi ficando erógeno da cabeça aos pés e, tenho certeza, o dele também. Nossos cacetes experimentavam um pulsão inigualável. É nesse instante em que você sente o fenômeno no púbis do outro, e o outro em você, sem que precise baixar os olhos para conferir a região genital de ninguém. Essa dilatação tépida transparece já na cara, nos olhos, nos lábios. O corpo todo vira sedução e você quer morrer se o ato não vingar (NOLL, 2008, p. 23).

O corpo em *Acenos* está presente em toda a narrativa, seja por meio de ação sexual propriamente dita, seja pela intenção de saciar um desejo cujo ato não esteja ligado fisicamente a outro corpo. A manifestação física dos desejos ganha relevo em momentos de grande tensão onde a necessidade de extravasar ganha força. Por

esse motivo, as práticas sexuais a dois são frequentes, bem como a prática solitária. O narrador necessita constantemente sentir o corpo, o desejo, o gozo.

IMAGINÁRIO. Criado na imaginação e só nela tem existência; que não é real; é fictício (HOUAISS, 2009).

O ser apaixonado cria, inúmeras vezes, um ser imaginário. Isso ocorre com frequência durante as relações sexuais, principalmente as que antecedem as relações com o ser amado. O narrador precisa criar imagens de outros para sentir-se satisfeito na relação.

[...] fechar os olhos ao foder com um ou com outro. Ninguém estava imune aos desacertos amorosos [...] De olhos fechados, pensaria então num outro corpo que eu, hoje, possivelmente ainda ignorasse, fosse do mundo ou estritamente do meu imaginário. Ou uma mescla das duas possibilidades (NOLL, 2008, p. 46).

O narrador retoma a importância do corpo e, a partir dele, manifesta a possibilidade da imaginação construir uma imagem fictícia concomitante a uma real:

Penso em procurar um massagista lúbrico, para ao lado dele fechar os olhos e receber um terceiro corpo de constituição árida, nascido da experiência direta, ou da imaginação, ou de uma mescla de ambas. Peço aos deuses que as imagens produzidas por meu cérebro dominem meu campo interior. Na superfície ponho-me a foder, mas com a atenção voltada para o avesso, onde uma idealidade erótica me faz correr a boca por seu inteiro (NOLL, 2008, p. 59).

O tom erótico da narrativa é produzido também pela criação imaginária de um terceiro ou quarto elemento durante o coito. O narrador necessita dessas “entidades” para sentir plenamente saciado mesmo que, às vezes, ele demonstre não saciar-se logo após a prática sexual com parceiros aleatórios:

Bernardo recusa acender qualquer luz. Explicou que assim era melhor. E, de quebra, não acenderia suspeitas avizinhas ao dono da casa. Ao foder nas trevas, justamente num mundo sem figuras, eu poderia convocar, com melhores resultados, o fantasma de um terceiro homem –, possuidor de um corpo alheio à escuridão daqui. [...] A pele do terceiro vulto surge então viçosa, se bem que rarefeita, oferecendo a sua nudez ao proprietário da miragem [...] Eu me sentia um autêntico imaginador de lavras eróticas (NOLL, 2008, p. 65-66).

ACENAR. “Fazer acenos ou sinais com alguma parte do corpo (mãos, cabeça, olhos etc.) ou com um objeto, a fim de prevenir, dar a entender, ameaçar,

negar, provocar, instigar, chamar, atrair a atenção, despedir-se, mostrar etc. Procurar seduzir, induzir, aliciar com a sugestão de vantagem, recompensa etc.” (HOUAISS, 2009, *online*).

O sujeito apaixonado percebe diversas formas de provocação, convite à memória, à sugestão uma intimidade maior. Durante uma sessão de massagem, logo no início da narrativa, a lembrança de quando trabalhava como massagista o fez rememorar também o seu primeiro ato quase sexual com o sujeito amado. E o primeiro aceno acontece em forma de memória: “A memória do garoto que me confiara seu território mais secreto ocorreu-me do aceno de uma imagem quase invisível, durante a última massagem do dia” (NOLL, 2008, p. 11).

O apaixonado fica disponível para o amado (o amigo engenheiro). Compreende-o, venera-o e admira-o seja no que for e como for. O apaixonado não consegue distanciar-se da imagem do amado. No entanto, algumas particularidades ocorrem no decorrer da narrativa:

Não consegui então deslocar o corpo de Bernardo para a imagem do engenheiro. Não pude correr assim para o abraço. Faria todas as promessas para ter o engenheiro em Porto Alegre novamente. Ele era um homem triste e eu tinha sincero apreço por homens tristes. Eu lhe sopraria um aceno (NOLL, 2008, p. 68).

O ser apaixonado não consegue desprender-se da imagem do amado, por isso a dificuldade de relacionar-se com outras pessoas. A imagem do engenheiro é sobreposta a do outro. E quando a imagem do amado não surge, a dificuldade de entregar-se a outro fica saliente. Por esse motivo, a ideia de soprar-lhe um aceno cria uma atmosfera quase que sobrecomum na intenção de chamar à cena a imagem do amado.

AFAGO. “Ato de afagar; carinho, carícia. Ato ou gesto amável, cordial, que expressa afeição (por alguém ou por alguma coisa); que propicia um bem ou prazer (espiritual, moral, afetivo, físico)” (HOUAISS, 2009, *online*).

O apaixonado sente necessidade de toque. Por isso, toda a oportunidade de tocar o sujeito amado é intensa. Ao despedir-se do amigo engenheiro, que seguiria em um submarino, o afago surge como possibilidade:

Nessa magra despedida agora, em cima do lombo do submarino, me dá vontade de chegar mais perto e lhe fazer um agrado, depois um afago, o limiar de um toque bocadinho mais físico, ou quase. Um

gesto, enfim, de afabilidade entre corpos, no momento de minha retirada de campo. Sem mágoas. Passar a mão no alto de seu braço, alisá-lo um pouquinho e então partir (NOLL, 2008, p. 30).

PROJEÇÃO: cálculo antecipado de uma situação futura, com base em dados parciais (HOUAISS, 2009).

O apaixonado projeta possibilidades de vivências com o ser amado. Leva em consideração a atividade laboral do ser com quem almeja compartilhar a vida matrimonial. Dessa forma, o sujeito apaixonado, entrega-se às projeções:

Acenaria de pijama quando meu amigo engenheiro saísse para o escritório. Na mesa cheia de lascas ele começaria os cálculos de uma nova obra. No inverno, seria melancólico ele partir para seus cálculos cedo da manhã. A cada novo projeto ele me esqueceria um pouco mais (NOLL, 2008, p. 77-79).

EROTISMO: estado de excitação sexual ou ainda de paixão amorosa; tendência a experimentar a excitação sexual mais prontamente que a média das pessoas e a se ocupar com ou de exaltar o sexo em literatura, arte ou doutrina (HOUAISS, 2009).

Em *Acenos e afagos*, Noll traz à narrativa um narrador especialmente apaixonado. A paixão é o grande mote. O sexo é o seu combustível. É no ato sexual que esse narrador consegue se “perder”, como afirma Bataille: “Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas então o sujeito se indivíduo identifica com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer, no erotismo: EU me perco” (2017, p. 21). O narrador, como já mencionado, através de uma pulsão sexual, aos poucos, vai transmutando: passa a ter traços de um corpo de feminino, mas segue tendo o corpo masculino. Ambos os sexos se fundem ocasionado esse entre-lugar homoerótico no qual o erótico se manifesta com relevo. O narrador desde o início, ao relatar uma cena de descoberta com o colega, já pontuava que “Naquele tempo, já desconfiava de que seria um adulto famélico por sexo” (NOLL, 2008, p. 12-13). Aos poucos, somos levados a cenas detalhadas de sexo.

Além disso, é possível perceber o quanto a memória leva o protagonista ao sexo: “Poderia recompor a memória através de levantamento do clima físico correspondente a cada cópula” (NOLL, 2008, p. 73). O sexo é vital para ele. As atividades desse narrador se reduzem à atividade corpóreo-sexual, independente

dela ser fruto da imaginação ou não. Para ele o que importa é que consiga realizar os percursos da libido.

3 O EROTISMO EM ACENOS E AFAGOS

Em *Acenos e afagos*, a constante presença dos termos que compõem o título da narrativa marca um desejo do narrador: acenar e afagar. Acenar é convite, é chamamento por meio de gestos com a cabeça, com os olhos, com as mãos. Acenar é estar afastado, longe de alguém. É visual. Em contrapartida, afagar alguém é carinho por meio das mãos. Pode-se afagar o outro pelo olfato, paladar, pelo sexo. Afagar é estar perto. É toque.

A frequência com que essas duas palavras aparecem no texto aponta que esse narrador precisa tocar e ser tocado. O aceno assinala a necessidade de mostrar-se e de convidar alguém para algo. O afago indica vontade de tocar e ser tocado. Ambas estão para ele como combustível de vida. É a inevitabilidade de sua existência, o narrador alimenta-se pelo toque e pela falta dele, ocasionando assim o movimento de busca pelo qual incessantemente vive. E essa busca é por fundir-se ao outro.

O enredo segue uma disposição fragmentada, tudo é pedaço, é parte. É partido. Desses pedaços, constrói-se, de forma não linear, a narrativa. A partir deles, aos poucos, vamos juntando os cacos e recolocando-os na ordem natural das coisas, reconstruindo a possibilidade de linearidade, em nós, leitores. Nesses fragmentos encontramos a vida e a morte. E a vida após a morte: as duas vidas de um narrador que se desnuda de dentro para fora: João Imaculado.

Aos poucos, João vai revelando as várias possibilidades de ser outro, outra, vários. Transmuta-se. Renasce. Não é gesso, é líquido. Vive das possibilidades e delas recria-se. É na palavra que ele se faz real. E por meio dela que sua vida e sua morte perdem e ganham cor. É através da escrita que flutua nas errâncias do erotismo e do antierotismo. Mete o pé na estrutura, levanta o tapete, o carpete, puxa a cortina, tira o lençol, a capa, a máscara, a roupa e consagra o corpo, o sexo. João é vários.

Narrado em primeira pessoa, *Acenos e afagos* (2008) conta as aventuras e as desventuras do narrador-personagem João Imaculado, que inicia seu relato rememorando uma tarde em que estava no corredor de um prédio onde um dentista tinha consultório. Nesse local, ainda muito jovens, João e um colega que queria ser

engenheiro, ao lutar-brincar, se veem envoltos nos corpos um do outro. Dessa bélica brincadeira, resultou uma descoberta: o corpo, o sexo.

Importante lembrar que, conforme Bataille (1987), o desejo erótico é intrínseco ao ser humano, bem como a descontinuidade a que este está condicionado, além da constante busca pela continuidade. Esse desejo pode aflorar em qualquer momento da vida. O erotismo dos corpos se origina dessa busca por completude e finda com o ato sexual – que não é necessariamente erótico, como já mencionado anteriormente. Diante dessas considerações, pode-se depreender que tanto a iniciação erótica quanto a sexual podem ocorrer em momentos distintos – culminando em um aguçar da libido.

Em vista disso, do momento dos meninos, pode-se depreender que eles iniciavam no corredor frio do prédio uma jornada de conhecimento e autoconhecimento do corpo, do desejo, portanto, o erotismo dos corpos está presente, posto que compreende o toque e não necessariamente envolvimento amoroso, ao menos não nesse primeiro encontro.

Os colegas ao ficar um de costas para o outro, posição que, segundo o narrador os ajudaria a se camuflar, caso passasse por ali algum transeunte, tocavam-se em seus respectivos membros sexuais. Crianças que brincavam às avessas e que rompiam os limites das brincadeiras, deleitavam-se ao descobrir o tufo encrespado em seus púbis, seu corpo e seu sexo. A iminência de serem pegos pelo dentista exercia sobre eles, naquele momento, uma força, uma espécie de prazer, dado o local onde iniciavam seu percurso de descoberta do corpo e do prazer: “O perigo constituía-se num ingrediente tentador a mais para um novo arranque do erotismo, naquela dispersão erógena da infância” (NOLL, 2008, p. 9-10). João já estava imerso na descoberta da prática erótica, na qual os limites eram rompidos pelo desejo da carne. Contudo, pairava sobre os meninos uma aflição: o ato belicoso era alimentado pela atração que ambos sentiam. O corredor e sua penumbra tornaram-se cúmplices dessa atração que os angustiava.

Havia durante esse embate duas forças que impulsionavam os amigos: a consciência da proibição, tendo em conta o local onde se encontravam, e a relação menino-menino, entendida por eles, à época, como inadequada. Talvez por isso, o narrador diz: “lançávamos nossos ferrões de forma branca, para amaldiçoar aquelas sensações que não teríamos mais como revalidar pelo resto de nossas biografias”

(NOLL, 2008, p.8). Ao falar em “amaldiçoar aquelas sensações”, João possivelmente se referia à ideia de que sentir prazer em uma relação entre pessoas de mesmo sexo seria algo que manchasse a história de vida de alguém, daí pensar que essas sensações não deveriam ser vivenciadas novamente.

Ainda assim, mesmo pensando na impossibilidade de se repetir tal momento, João deleitava-se no corpo do colega. Inebriado por tocar no mais íntimo do menino – o ânus –, João revela, ao sentir o cheiro da intimidade do outro, que

era justamente ali que a vontade de se misturar mais me tomava. [...] uma espécie de sagração da inconveniência, um verdadeiro ópio aos aspirantes do gozo. Vinha-me então esse gosto condenado na boca, gerando mais e mais excitação, o transe até (NOLL, 2008, p. 10).

Talvez, a essa época, o narrador não tivesse consciência de seu estado de descontinuidade, mas já havia despertado a angústia provinda dessa condição humana: a de querer se misturar ao outro. Aparece a ideia ilusória de continuidade, de dissolução, de fusão.

Essa vontade a qual João se referia fez com que ele chegasse ao ápice da excitação, provocando uma espécie de transe. Estar nesse lugar não-comum (junto ao corpo de outro *menino*), para a tenra idade, despertava algo novo: “Preferia estar ali, com o cu do menino na cara, a estar com minha fuça esterilizada pelos cadernos do dever diário” (NOLL, 2008, p. 11).

Referir-se aos deveres caracteriza a organização social previamente estabelecida, por isso podemos considerá-los interdito, lei, ordenamento. A transgressão está na preferência em estar com o colega, descobrindo os caminhos do prazer, da libido, da construção de um novo universo onde as restrições não ditam a regra. Aliás, no que tange às descobertas do prazer, há regras, mas não as mesmas impostas pela sociedade moralista. Por isso, nesse trajeto libidinoso, a cisão da ordem é que rege o universo de descoberta sexual.

Como já dito anteriormente, João e o colega compreendiam que o sexo deveria ser realizado apenas entre homem e mulher, e ele concluía que desse envolvimento resultaria uma criança. O relacionamento amoroso entre pessoas de mesmo sexo, segundo o pequeno João, não poderia se efetivar, pois transgredia a ordem, o socialmente estabelecido. Naquele momento os meninos derrubaram uma barreira na tentativa de viver seus desejos. Conforme Bataille:

Derrubar uma barreira é por si só algo atraente; a ação proibida adquire um sentido que não tinha antes que um terror, que dela nos afasta, a cercasse de um halo de glória. "Nada, escreve Sade, contém a libertinagem..., a verdadeira maneira de estender e multiplicar seus desejos é querer impor-lhe limites". Nada contém a libertinagem..., ou antes, de modo geral, não há nada que reduza a violência (BATAILLE, 2017, p. 72).

À vista do exposto, os amigos não se limitaram às convenções, deixaram fluir suas descobertas voluptuosas. O narrador considerou que a ação realizada com o colega na infância só aconteceu por ter se desviado, ou seja, ultrapassado os limites da normalidade, da ordem, do socialmente aceito, e isso ocorreu porque ultrapassá-los aumentava o desejo de rompê-los. O primeiro encontro erótico de João mora na transgressão, mas já vem com a ciência do interdito. Eles infringiram a regra e por isso depositaram os acontecidos desse embate no baú da memória, com promessas de esquecimento. No futuro, conforme diz João: "a imagem da luta no chão frio já estaria esfarelada, sem que soubéssemos reaver os fragmentos" (NOLL, 2008, p. 11).

Entretanto, eis que surge o aceno da memória. A memória, como sabemos, é um sistema independente, acionado em geral por estímulos externos, dos quais derivam as lembranças. Frequentemente ativadas por cheiros, toques, afagos e imagens, as lembranças de João o fazem acionar o fluxo da memória e rememorar seu passado na idade adulta.

Passados alguns anos, enquanto o narrador trabalhava como massagista para ajudar no sustento da família, sua memória é acionada pelo aceno de uma imagem e de um toque no corpo de um cliente. A lembrança da luta no corredor de um prédio com o colega, que dizia que seria engenheiro, ressurge. O corpo do cliente lembrava o do amigo: "Aquele corpo entregue às minhas mãos lembrava a prosa intestinal do corredor escuro" (NOLL, 2008, p.11). Interessante observar que João, para ajudar o pai que estava passando por problemas financeiros, trabalhava como massagista, profissão cuja prática é tocar o corpo do outro, ou seja, uma atividade que necessita da aprovação de outra pessoa. A massagem é caracterizada pelo interdito, requer distanciamento e autorização, tanto para olhar quanto para tocar o corpo nu ou seminudo de alguém. Além disso, o fato de João trabalhar com massagem pode ser ancorado no desejo de percorrer as mãos em corpos alheios,

dessa forma, construindo um percurso de sensações táteis, uma vez que o desejo erótico não é efetivado na conjunção dos corpos, mas na ideia de. O erótico pode ficar apenas na imagem e alicerçado por ela.

Pensando no interdito e na transgressão, palavras-chave que constituem o erotismo conforme Bataille (2017), a narrativa de *Acenos e afagos* está permeada por esses dois movimentos, que indicam a regra e sua respectiva cisão. Diante disso, os escritos analíticos desta dissertação recaem, na maioria das vezes, sob esses dois eixos, visto que o narrador possibilita, a partir de suas experiências, sexuais e/ou eróticas, traçar a peregrinação de um homem que busca durante toda a sua vida encontrar-se dentro de si mesmo e para tanto está sempre envolto pelas questões da ordem e da iminência da desordem. João nos mostra o seu mais profundo íntimo para tentar ser alguém que realmente sente prazer em ser, através da sua intimidade, do seu corpo, do seu eu. Quantos *eus* em um João?

O narrador comenta que, ao sair da massagem para fumar, a mãe dele o chama para o velório de uma prima, Cida. Quando ele chega ao local, vê a menina no esquife e observa que está toda de branco. Nesse instante, a cena do velório é abruptamente interrompida pela memória do narrador, que é transportada para a casa de bonecas nos fundos do quintal onde ele e a prima ensaiavam os toques nas partes íntimas um do outro, local esse onde ele delimita a preferência por menino e compreende seus anseios libidinosos, conforme expõe: “Naquele tempo, já desconfiava de que seria um adulto famélico por sexo” (NOLL, 2008, p. 13). A memória de João logo é cortada e volta à baila a cena em que ele e o amigo estão lutando no corredor escuro, durante o contato através do toque na prima:

Mas eu e o outro amiguinho continuávamos no corredor escuro, onde a broca do dentista arrepiava. [...] Sei que o contato no lusco-fusco agudo do corredor, tempos atrás, em que eu e o colega nos tocamos para aprender a dar ao corpo o seu melhor, sei que desse encontro não me esqueci mais (NOLL, 2008, p. 13).

A imagem da tarde com o amigo, que supostamente ficaria esfarelada pelo tempo, é frequentemente restaurada pelos estímulos externos. No trecho acima, ela é restabelecida pela lembrança da casa de bonecas com a prima. O gatilho se dá pela vontade de estar com o amigo que queria ser engenheiro e não por estar com Cida. É relevante observar que o amigo tem fundamental importância não apenas por ter participado do despertar libidinoso de João, mas também por participar da

construção de uma paixão tão intensa que merecerá ser lembrada sob diversas camadas.

Novamente a cena é abruptamente cortada, e João passa a contar sobre o tempo em que frequentou o seminário, onde se sentiu atraído por um colega com quem tentou flertar. Não houve envolvimento de fato, apenas em uma tímida tentativa: um possível afago no ombro que não aconteceu. Após conversar com o colega, o narrador sai do quarto desacreditando em Deus, e por isso torna-se ateu. A partir disso, o jovem João revela que deseja ser Deus e, para sê-lo, conclui que deveria revelar-se ao mundo conforme sua visão de si mesmo, entregando-se a sua verdade, a sua consciência. No entanto, seus pensamentos eram “abutres”, como ele mesmo fala, jogando seus anseios para debaixo do tapete:

A questão era que eu tinha uma consciência abalada pelo abuso do meu próprio pensamento. Ele sobrecarregava-a, deixando-a infestada de abutres inequívocos. Eu queria ser Deus, isso estava claro, e desconfiava de que, para seguir a carreira divina, seria preciso uma imaginação teológica com outra face. Como por exemplo sair do seminário, do armário, me entregar ao roubo, ao crime, às ofensas carnis, ao vício e daí não mais retornar. O diabo era doce. No ermo da figura peçonhenta quero ir como mulher (NOLL, 2008, p. 15-16).

A simbologia do nome do narrador, João Imaculado, traz uma das chaves interpretativas do romance. João é um dos nomes mais comuns, não apenas no Brasil e em países de língua portuguesa, como em todo mundo, com as devidas variações. Muitas vezes esse nome vem acompanhado de outro, formando um nome composto (veja-se João Evangelista, João de Deus). No hebraico, João significa “agraciado por Deus” ou “Deus é cheio de graça”; em outros casos, recebe a interpretação de “dádiva de Deus”. O narrador-personagem de *Acenos e afagos* é João e também Imaculado. O epíteto Imaculado, por sua vez, passa a ideia de alguém puro, sem mácula. Paradoxalmente, esse João, um homem comum que seria Imaculado, puro, sente-se profundamente impuro, sujo. A mácula seria sua homossexualidade reprimida ao longo de toda a sua vida. Ademais, ao longo da narrativa, o narrador renega Deus porque quer ser Deus e insere uma série de elementos bíblicos, reforçando o caráter um tanto litúrgico de seu percurso.

Esse narrador deseja profundamente transgredir, sair do convencional. Deseja acima de tudo desviar da rota pré-estabelecida e centrada em obrigações e

definições às quais ele não se enquadra. Pode-se perceber nesse ponto outra tônica na narrativa: o erotismo sagrado, que se manifesta diante de ritos e encenações a divindades, nesse caso, querer ser Deus se encarregaria da ideia de completude, da totalidade, seria o sublime.

Nesse sentido, quando, em outro momento da narrativa, João diz desejar ser mulher, isso contemplaria a ideia de fusão total entre os corpos, esse desejo sendo uma forma de inserção irrestrita no cosmos. Essa vontade de ser mulher vem ao encontro da reflexão de Bataille quando este teoriza acerca de que supostamente as mulheres suscitam o desejo no homem:

Em princípio, tanto um homem pode ser objeto do desejo de uma mulher, quanto uma mulher ser objeto de desejo de um homem. Entretanto, o procedimento inicial da vida sexual é o mais das vezes a procura de uma mulher por parte de um homem. Os homens tendo a iniciativa, as mulheres têm o poder de provocar o desejo dos homens. Seria injustificado dizer das mulheres que elas são mais belas, ou mesmo mais desejáveis que os homens. Mas, na sua atitude passiva, elas tentam obter, suscitando o desejo, a conjunção a que os homens chegam perseguindo-as. Elas não são mais desejáveis, mas se propõem ao desejo (BATAILLE, 2017, p. 155).

É possível pensar que João desejaria ser mulher pela suposta facilidade que esta teria ao entrar no jogo de sedução em relação ao homem, gênero por quem ele tem maior interesse no que diz respeito à sexualidade e à prática erótica. O narrador revela o que pensa acerca da prática amorosa do sexo feminino: “faço ideia das artes demoníacas do amor na modalidade feminina” (NOLL, 2008, p. 16). Cabe pensarmos que a mulher carregaria aquilo que levaria ao mais próximo da completude, porque é capaz de gestar, e a conjunção dos corpos masculino e feminino representaria aquilo que seria o mais próximo da perfeição. Sendo assim, se João conseguisse se transformar em mulher, conseguiria atingir ainda mais (a ilusória) ideia de completude.

Entretanto, logo após a reflexão sobre a mulher, João salienta que deveria “reconstruir uma família, refazer o caminho de meu pai” (NOLL, 2008, p. 16), demonstrando a necessidade de viver de aparências e, dessa forma, invariavelmente, reforça o sistema engessado e preconceituoso vigente, negando sua vontade. Aqui os interditos voltam ao posto de regulamento presente, colocando os desejos transgressores mais profundos de lado. Dessa forma, os interditos mascaram os anseios individuais de João. Um homem inadequado, porque não

consegue se inserir nos moldes que padronizam pessoas, colocando-as em caixas previamente formuladas, e nunca reformuladas, com as necessidades de cada indivíduo, eis João Imaculado, nosso narrador.

João acaba procurando o amigo engenheiro por quem nutre uma paixão desde a infância e a ele revela seus anseios, seus “males” como ele se refere. Esses “males” que possivelmente sejam, entre tantas outras coisas, o desejo de tornar-se mulher, que mais a frente se fará significativo. Além disso, ocorre um pequeno pormenor que faz com que o amigo engenheiro dê um tapa na cabeça de João, e este revela que: “quase quis sair no soco com ele, até nos ferirmos e nos abatermos e um curar o outro, amém” (NOLL, 2008, p. 16). A interjeição amém, muito utilizada na liturgia para expressar a ideia de que “assim seja” – à vontade de Deus –, revela a vontade de um novo embate corporal como aquele nos idos tempos de meninos no corredor do dentista. Queria ele refazer o trajeto da descoberta do corpo do amigo agora adulto e engenheiro? Quem sabe agora concretizar a conjugação dos corpos.

Após saírem do escritório do amigo, vão cinema, e desta sessão resta uma troca de olhares: “nos olhamos no escuro cara a cara, e cada um viu no outro, tenho certeza, a substância que faltava” (NOLL, 2008, p. 17). Lembro aqui que temos apenas o ponto de vista do narrador, portanto, a certeza dele é baseada nos anseios que são revelados apenas por ele, visto que temos acesso apenas a uma voz narrativa; logo, a certeza é apenas de João.

No entanto, ao sair do cinema, o narrador diz que: “A partir daquela tarde eu queria escrever outra história” (NOLL, 2008, p. 17), e joga-se à encenação, ao “blefe”, como ele mesmo diz. Inventava que é um empresário da construção civil para um segurança do shopping e diz que está em busca de um segurança, tentando com isso ter um encontro furtivo com o rapaz. Nesse movimento de conquista, João se dá conta de que estava encenando tal qual atores em cena: “eu tinha passado do filme para mim mesmo naturalmente, como se entre o espetáculo e minha vida bruta não houvesse um hiato” (NOLL, 2008, p. 17), evidenciando que sua vida é um grande palco e que ele talvez atue o tempo inteiro, sem se dar conta de que entre uma sessão de cinema e a sua própria vida há algo de diferente, e isso corrobora a percepção de que vive em um mundo de fachada.

Erving Goffman desenvolveu a metáfora do teatro para explicar sua teoria sociológica de representações do eu, presente na obra *A representação do Eu na vida cotidiana*, que se faz bastante pertinente neste ponto do trabalho. A metáfora desenvolvida pelo sociólogo é uma analogia da vida real com as representações que os indivíduos tendem a fazer em determinadas situações e contextos:

A perspectiva empregada neste relato é a da representação teatral. Os princípios de que parti são de caráter dramático. [...] o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a plateia (GOFFMAN, 1985, p. 9).

A representações que todo indivíduo realiza em seu cotidiano social nada mais são do que os “eus” de cada um em suas variadas ações rotineiras. O sujeito pode acessar diferentes “máscaras” dependendo do contexto social em que está. Essas “máscaras” sociais são usadas nos grupos de convívio desse sujeito para que ele busque aceitação dele próprio diante dos demais. É como se fosse um “eu” em uma ocasião e outro “eu” numa outra.

A mentira contada pelo narrador para o segurança, após sair do cinema e perceber que do filme para ele não houve sequer um intervalo, mostra o quanto a atuação é presente em sua vida. Quais máscaras João utiliza em casa e quais utiliza em outros espaços? Dessa conversa com o segurança restou apenas a aceitação da mentira por parte do rapaz, e não a concretização do encontro. João observa: “Com o segurança eu atuava então num teatro latente, mas que jamais fora montado nem nunca o seria” (NOLL, 2008, p. 19). Por ora, o narrador revela que gosta de encontros com desconhecidos, é quase um fetiche; e acrescenta: “Qualquer cantinho serve para encontros insustentáveis” (NOLL, 2008, p. 18). O jogo de sedução fica apenas no flerte, na conquista do “alvo”, não se efetiva.

Ao sair do shopping o narrador vai até o escritório do amigo, que o havia deixado para trás, enquanto João atuava em sua incursão de conquista. Lá, o engenheiro convida-o para ir ao porto de Porto Alegre, cidade em que se inicia a narrativa, a fim de ver um amigo que está com o navio atracado. João aceita, e quando estão indo em direção ao porto, ele se imagina com o segurança e cria mentalmente uma peça teatral:

No primeiro ato tiro a roupa imaginária diante do parrudo. Ele tem um pequeno acesso de tosse. Espero. Sento-me abrindo um embrulho do meu corpo inteiro. O segurança negro se despe. E a imagem do desembulhar cai perfeita aqui também. Deito no chão duro, os cisquinhos do piso espetam minhas costas e bunda. Ele vem por cima e goza. Adorei que sua ejaculação instantânea impeliu-o a sair de cima de mim num tempo mais que célere. Nunca mais vi o segurança, nem na real e nem na imagem (NOLL, 2008, p. 19).

Conforme já mencionado anteriormente, segundo Paz (1991), o jogo erótico é alimentado também pela imaginação e pela fantasia, o que fica evidente no excerto acima. João, enquanto estava a caminho do porto, não deixou de elaborar em sua mente uma possibilidade de encontro com o segurança, criando assim uma espécie de encenação do ato sexual, que neste caso é extremamente erótica, visto que a cópula não ocorreu nem na imagem imaginada nem na realidade, mas na possibilidade de. Ao relatar a retirada das roupas, o abrir o embrulho do corpo inteiro caracterizaria um ato erótico, demonstrando o desejo latente deste narrador: o desnudamento dos corpos; uma vez que a roupa constitui um interdito, tirá-la abre-se à transgressão, à obscenidade.

A partir dessa quebra imaginária de cena, o narrador retoma a ida ao porto propriamente dita. Ao chegar ao Guaíba, percebe tratar-se de um submarino antigo, e não um navio como o amigo havia comentado. Diante do submarino, João revela que: “O meu amigo engenheiro, a meu lado, me apresentava aquele brinquedo de tamanho natural. Pensei em crescer para estar apto a uma aventura. Até lembrar que eu já estava adulto, e havia alguns anos” (NOLL, 2008, p. 19). João mais uma vez retoma a ideia de infância, talvez por que na modalidade “criança” seriam permitidas aventuras diversas, possíveis. Já na vida adulta, encontram-se os deveres e as limitações. Sobre o amigo, João complementa: “Desde a adolescência, o meu amigo engenheiro, mesmo com suas reticências de praxe, me aplicava admirações inaugurais a cada dia. O certo é que nós dois já éramos adultos” (NOLL, 2008, p. 19). O amigo é uma pessoa que desperta em João não só sensações erótico-amorosas, mas, acima de tudo, alguém que desperta encantamento, alguém que o surpreende.

No interior da embarcação, João observa que está rodeado por marinheiros alemães, o que o deixa um pouco inquieto e assustado. Em meio a isso, vê uma cama estilo hospitalar passar por ele e sente o cheiro ruim de secreções antigas que vêm dela. Nesse instante, inusitadamente o amigo avisa-o de que iriam dar um

passeio “até a saída do mar” e isso faz com que João fique ainda mais receoso. Entretanto, o narrador pondera que estava na presença de seu amigo, e isso minimiza seus desassossegos e lhe inspira confiança.

As observações dentro da embarcação dão conta de situações escatológicas, como no excerto: “Aquela câmara enorme e subaquática, vedada ao mundo externo, cheirava a secreções já divorciadas do labor libidinal. Secreções sem alma, azedas, indigestas” (NOLL, 2008, p. 21), demonstrando que no interior dela ocorriam relações sexuais entre os marinheiros. Essas secreções são malcheirosas, como revela o narrador quando uma cama passa perto dele: “senti uma barafunda olfativa cujo cerne, no entanto era bem destacado [...]. Quando a cama passou por minhas narinas, de verdade, o que verifiquei foi seu fedor” (NOLL, 2008, p. 21). Sobre a escatologia, é possível observar que:

Os condutos sexuais evacuam dejeções; nós os qualificamos de "partes pudendas", e associamos-lhes o orifício anal. Santo Agostinho insistia penosamente na obscenidade dos órgãos e da função de reprodução. "*Inter faeces et urinam nascimur*", dizia: "Nascemos entre fezes e urina". Nossas matérias fecais não são o objeto de um interdito formulado por regras sociais meticulosas, análogas àquelas que incidiram sobre o cadáver ou sobre o sangue menstrual. Mas, no conjunto, por deslizamentos, se formou um domínio da imundície, da corrupção e da sexualidade cujas conexões são bastante sensíveis. Em princípio, contiguidades de fato, vindas de fora, determinaram o conjunto do domínio. Mas sua existência não deixa por isso de ter um caráter subjetivo: a náusea varia de acordo com as pessoas, e sua razão de ser objetiva se esquia (BATAILLE, 2017, p. 81-82).

Mesmo não se tratando dos excrementos intestinais, há a náusea promovida pelo odor dos vestígios de esperma. Além de inferir que a prática sexual ali existente remete à possibilidade, além de outras, a anal, por isso a ligação com o que diz Bataille (2017) ao trazer à discussão Santo Agostinho: “Nascemos entre fezes e urina”. É possivelmente por meio do sexo anal, entre outros, que dentro do submarino se consagra a prática sexual. O submarino, transporte aquático extremamente vedado ao mundo exterior, pode ser considerado um local onde a transgressão reina absoluta, uma vez que a prática erótica ou sexual naqueles termos não é de fácil acesso à população em geral. Dessa forma, o submarino é interdito e transgressão por excelência.

O narrador, já mais habituado com as possibilidades diversas de se realizar, revela:

Se eu conseguisse na embarcação prazeres interditos na província, se conseguisse deleites carnis inventivos, dar-me-ia por satisfeito. E nessa onda, que me levem então para nunca mais voltar. Afinal, o que eu ganhava vivendo em Porto Alegre, com uma fome impossível e me fingindo de saciado? (NOLL, 2008, p. 21).

Assim João confia seu desejo de sentir-se livre para viver suas vontades mais profundas. Desprender-se de um universo ao qual não se sentia inteiramente satisfeito e no qual vivia de aparências. Casado e com filho, vivendo uma vida em que não sente prazer, o narrador é refém de uma fome erótica impossível de ser saciada se ele não transcender sua existência.

Nesse momento João olha novamente para o amigo e confirma o quanto o admira e o deseja, revelando que este “tinha feições grosseiras” e que “desses traços nada sublimados vinha uma promessa animal” (NOLL, 2008, p. 22). Seria a intenção animal primeira daquele homem que não possuía regras para viver em sociedade? Aquele homem primata que Bataille (2017) estudou e concluiu que antes da imposição dos interditos vivia na animalidade e instintivamente insaciado, demonstrando uma fome tamanha por sexo, como já na juventude o próprio narrador havia desconfiado que sentiria e que agora percebe no amigo engenheiro?

João, ao reafirmar seu interesse pelo amigo, tece comentário significativos sobre o engenheiro. Relembra os tempos de juventude e a geografia da cidade de Porto Alegre quando ambos caminhavam pelo centro da cidade pela madrugada em busca de sensações ainda não declaradas. Naquela época, segundo João, o amigo “tinha pinta de assexuado” (NOLL, 2008, p. 22), pois não havia namorado até então. Nessas peregrinações noturnas, outros amigos confirmavam a ideia de que o engenheiro era, nas palavras de João, um “enrustido”, sinalizando que ele não se manifestava como amante de outro(s) homem(s), mas também não demonstrava interesse em mulher. Esses amigos se intitulavam de “entendidos” nesse assunto. E aqui “entendidos”, segundo o narrador, poderia indicar que esses homens à luz do dia eram casados, noivos, “machos integrais”, por isso, sabiam bem das práticas noturnas quando não precisavam atuar, e que tinham facilidade em distinguir os homens que tinham as mesmas preferências sexuais que eles. Dessa forma, esses “entendidos” poderiam, conforme ficou claro, intuir que o engenheiro, assim como

eles, apesar que não demonstrar, gostava de práticas sexuais com homens. O desejo oculto do amigo engenheiro era dissimulado tanto à luz do dia quanto à noite. Adulto, nas incursões noturnas João não recebia aceno, afago ou agrado por parte do engenheiro.

A expressão “machos integrais” indica que viviam suas vidas conforme a ordem estabelecida, dentro da padronização, encenando outro papel, ou seja, o papel de marido, à luz diurna. À noite se dedicavam às rupturas, a preencher as lacunas do desejo e percorrer os caminhos do jogo erótico. João salienta que “todos aprendiam as artes da astúcia, para que fôssemos não só aceitos, mas também focos de desejo da impronunciável confraria” (NOLL, 2008, p. 23), logo, ser sagaz produzia no outro o desejo, “impronunciável” porque a confraria era acima de tudo secreta, ocorria em outro plano. Saber usar as artimanhas da vida dupla é, sobretudo, erótico.

Conforme Bataille:

As orgias rituais, muitas vezes associadas a festas menos desordenadas, não previam mais que uma interrupção do interdito que se opõe à liberdade do impulso sexual. Por vezes, a licença se limitava aos membros de uma confraria, como nas festas de Dioniso, mas ela podia ter, além do erotismo, um sentido mais precisamente religioso. Temos apenas um conhecimento vago dos fatos; podemos sempre imaginar a vulgaridade, a grosseria, prevalecendo sobre o frenesi. Mas seria vão negar a possibilidade de uma superação em que a embriaguez comumente ligada à orgia, o êxtase erótico e o êxtase religioso se compuseram (BATAILLE, 2017, p. 136).

A confraria interrompia a ordenação, mas não a excluía, apenas a ultrapassava. Nos encontros noturnos havia apenas ultrapassagem dos limites da ordem, e não a sua exclusão. Além disso, o gosto erótico está na total consciência do sujeito que se encontra dentro de um mundo ordenado, a vivência do erótico está na cisão, e não no apagamento da ordem.

Das lembranças da boemia noturna que ocorria submersa, o narrador retorna às lembranças da submersa embarcação. Dentro do submarino, João sente que sua atração pelo amigo chega a um estado de grande excitação. Nesse momento, ele e o amigo se olham e seus corpos vão experimentando as sensações provindas desse olhar: “Comecei a enfrentar meu amigo engenheiro como quem dissesse: enfim chegou nossa hora” (NOLL, 2008, p. 23), e o corpo passa a responder ao desejo suscitado pelo olho:

Aos poucos meu corpo foi ficando “erógeno da cabeça aos pés e tenho certeza, o dele também. Nossos cacetes experimentavam uma pulsão inigualável. É aquele instante em que você sente o fenômeno no púbis do outro, e o outro em você, sem que precise baixar os olhos para conferir a região genital de ninguém. Essa dilatação trépida transparece já na cara, nos olhos, nos lábios (NOLL, 2008, p. 23).

Diante das considerações feitas pelo narrador, pode-se inferir que o olho tem um papel crucial no jogo erótico, pois é a partir dele, das informações recebidas por esse órgão, que nasce desejo. É a partir do processo de decodificação de informação emitida pelo olho que a linguagem corporal passa responder aos estímulos. O corpo do narrador e o corpo do amigo estavam em franca comunicação, como João afirma: “O corpo todo vira sedução e você quer morrer se o ato não vingar. O núcleo mínimo do tesão vai se firmando pouco a pouco, no escuro, no lado de dentro da braguilha. Você, seu dono, já ganhou. Agora é só prosseguir e desaguar” (NOLL, 2008, p. 23). No momento da observação do objeto de desejo cria-se um estímulo erótico que pode ou não culminar no gozo sexual, ou, quando diante da impossibilidade de concretização, pode desvanecer. Por outro lado, esse é o momento mais acentuado do desejo, pois ocorre a plethora, inturgescência vascular provocada pelo aumento do volume do sangue no organismo, preparando os corpos para a possibilidade do intercuro e permitindo a fusão erótica. A espera por esse momento com o amigo aflora ainda mais os desejos de João. No entanto, o ato erótico não culminou no ato sexual, e, mais uma vez, o ato teatral entra em jogo:

Os dois personagens então se distanciam, mesmo tentados a mirar a virilha esquerda do vulto em frente. Frustrados, emudecem a linguagem dos corpos, tornam-se novamente impermeáveis a tudo que ultrapassar as trocas sóbrias e sucintas. Alguém acionava a nossa coreografia?” (NOLL, 2008, p. 24-25).

Como já ocorrido no corredor do prédio do dentista, outra vez João e o amigo ficam apenas na observação do corpo um do outro. Ambos os corpos não desaguar como desejava o narrador. Aqui houve o aceno, mas não o afago, pois em seguida o narrador descobre que o amigo tem um caso com o comandante da embarcação.

Na sequência, João relata que “estava sofrendo de um acachapante ciúme. Depois desses anos todos, recuperava o sentimento de que eu era de fato

brutalmente apaixonado por esse amigo engenheiro (NOLL, 2008, p. 24). A paixão exerce sobre o ser humano um misto de alegria, angústia e sofrimento; ao mesmo tempo que o homem sente-se vivo, desperto às possibilidades do amor, a paixão gera angústia, desencadeia o medo. Bataille considera que o erotismo dos corações é o mais violento dentre os três tipos de erotismo justamente pelo fato de que a ele está condicionado o ciúme, o descontrole, o sofrimento:

Na base, a paixão dos amantes prolonga no domínio da simpatia moral a fusão dos corpos entre si. Prolonga-a ou lhe serve de introdução. Mas, para aquele que a experimenta, a paixão pode ter um sentido mais violento do que o desejo dos corpos. Jamais devemos esquecer que, a despeito das promessas de felicidade que a acompanham, ela introduz, antes de mais nada, a perturbação e a desordem. A própria paixão feliz acarreta uma desordem tão violenta que a felicidade de que se trata, antes de ser uma felicidade de que seja possível gozar, é tão grande que se compara a seu contrário, o sofrimento (BATAILLE, 2017, p.43).

O narrador revela que se “sentia mais uma vez mortalmente apaixonado, após levar a paixão por décadas em estado de larva” (NOLL, 2008, p. 25). A paixão torna-se a partir de agora um sentimento ainda mais angustiante para ele, que a essa altura já descobriu que amigo está em um relacionamento com outro homem. Ao descobrir sobre o envolvimento do amigo com o comandante, João se sente desnortado e vai ao banheiro para tentar recuperar-se do choque. Quando retorna, percebe que perdeu a noção de tempo, observa que todos haviam copulado, e comenta: “Aquela confraria, que tinha como objetivo o de experimentar os turbilhões da libido, esquivava-se manhosa desse cara aqui, amigo de um tesudo comensal brasileiro” (NOLL, 2008, p. 27). Nesse ponto, João se vê ignorado pela tripulação, um estranho naquele lugar. Por mais que tenha tentando se incluir naquela confraria, o fato é que ele não conseguiu, motivo pelo qual desembarca: “Voltaria à minha realidade sonífera para atuar nos meus próprios pesadelos, criando verdadeiros filmes de horror” (NOLL, 2008, p.28). Por pior que seja, para o narrador é mais válido, neste momento, voltar a sua realidade, onde pode atuar conforme seu próprio *script*, do que não poder atuar como gostaria, ou seja, na linguagem libidinoso com o amigo no submarino onde foi renegado por assim dizer.

Interessante fazer um paralelo entre as confrarias apresentadas por João. A primeira confraria fora a dos “entendidos”, no centro da cidade, onde vivia o desvendar da libido, e da qual o amigo engenheiro não era frequentador. Agora,

outra confraria é apresentada a ele, desta vez por seu amigo engenheiro, onde este vive os impulsos da libido, e onde João é ignorado. Ambos participantes de confrarias distintas: uma nos porões da cidade, outra nas profundezas do Guaíba. Uma e outra, clandestinas, transgressoras. Ambas são interdito e transgressão.

Na sequência, João desembarca no porto de Rio Grande, e seu amigo segue viagem com o submarino. Em solo, o narrador vai para um hotel para passar a noite antes de voltar para Porto Alegre. Nesse local, ele mais uma vez deixa a imaginação tomar conta da cena. Aqui ela é motivada pela possibilidade de se envolver sexualmente com a mulher que atende no estabelecimento:

[...] certamente eu teria de fechar os olhos e imaginar outro corpo acolhendo a minha carne. O corpo da mulher não me bastava, eu precisava de outro -, só na imagem, claro, e que comigo formasse um pacto de tesão inabalável, Só com ela não daria para encarar a quilometragem de uma foda média, pois antes disso eu broxaria (NOLL, 2008, p. 32).

A fantasia durante o ato sexual é como combustível para esse narrador que precisa convocar outros corpos, mesmo que imaginários, para participar do ato sexual e com sorte torná-lo ato erótico. A presença de outros nesse momento íntimo faz com que ele extrapole seus anseios do prazer, como afirma: “Para que não notasse o desacerto entre os corpos reais e o fictício, eu a poria inteirinha ali, de pernas abertas, sem captar nada da origem de minha excitação” (NOLL, 2008, p. 33). Assim, a excitação dele não é pelo corpo da mulher, mas pelos corpos fictícios. O corpo dela é apenas uma materialidade por que seu desejo passa. É totalmente transitório, é como a soleira da porta, um local de passagem. Um entre-lugar onde os anseios da carne se fazem presentes e por onde ele consegue materializar seus desejos da libido, onde ele existe.

Através da imagem, João consegue ultrapassar a matéria e tenta percorrer um caminho oposto ao da finitude, e, mesmo que este caminho seja ilusório, supera os limites da razão, da consciência do ser. Dessa forma existe no ser humano essa lacuna que João expõe: “[...] a fonte inegável desse delírio em forma de volúpia era uma lacuna da minha própria alma” (NOLL, 2008, p.33). Contudo, ele pondera refletindo sobre a possibilidade de que a recepcionista também deva convocar outros corpos imaginários: “Essa mulher possivelmente cultivava também nos interiores um outro plano imaginário, um outro espectro carnal. Quem seria o quarto

personagem naquela cama de hotel? Quem a mulher evoca?” (NOLL, 2008, p. 33). Assim, a multiplicidade de seres possibilitaria ainda mais a conjunção infinita, embora a mulher e ele próprio não soubessem dos respectivos convivas do plano imaginário um do outro que figurariam no ato sexual. A multiplicação dos corpos representa a multiplicação de seres descontínuos como eles, ou seja, quanto mais corpos espectrais, mais seres descontínuos buscando a continuidade perdida.

Além disso, outro componente presente é a insegurança, que exerce sobre João Imaculado um papel de prolongamento do desejo. Com a iminência de serem pegos pelo marido da recepcionista, João comenta: “O tesão quem sabe só durasse enquanto permanecesse a atmosfera de insegurança para um encontro febril” (NOLL, 2008, p. 32), uma vez que a possibilidade de ser flagrado infringindo algo gera em João a vontade de seguir transgredindo, rompendo a ordem, já que esse movimento de infração intensifica o seu prazer. No entanto o ato sexual não ocorreu entre eles. Nem um agrado, menos ainda um afago, talvez um aceno, tímido.

Como já foi possível perceber, o narrador é excessivamente pulsional, sexualizado, mas apenas consegue realizar seus desejos da libido no plano onírico, na imaginação, na fantasia, e auxiliado pela escassa memória. É um ser que se movimenta pelo impulso e dele se alimenta.

Na viagem de retorno a Porto Alegre, o narrador reflete sobre a amizade com o engenheiro e conclui que o erro foi esperar o encontro carnal entre eles, pois nunca se tocaram como amantes e nunca se envolveram além da amizade: “Sem a cópula nem sequer o toque inicial, a paixão prospera ao resguardar sua pulsante potência. Vivemos na promessa de que um dia esse tesão possa enfim se materializar” (NOLL, 2008, p. 34); a paixão permaneceria intacta por não ter sido de fato concretizada. Logo, João vive na expectativa da materialização desse apetite sexual que nutre pelo amigo. Se já tivesse concretizado, talvez a paixão teria se esvaído.

Ao chegar à sua casa, João retorna à realidade, à sobriedade da vida, ou seja, à materialidade. Agora tudo é cotidiano, obrigação, sólido, aparência. Nesse plano tudo é pesado, é fardo, é afastamento dos seus desejos, é ordem. Desleixo até. Tudo o que ele não quer: convenção, organização e estrutura. É nesse retorno que ele revela que, de fato, é casado e que tem um filho adolescente. João é um ser que vive no submundo de sua própria existência, ele é personagem de sua própria

peça teatral. Por isso, outra vez o imaterial se aproxima quando ele e a esposa estão em um momento íntimo:

Preciso fechar os olhos para poder baixar a carne diáfana, mental, que me salvará da solidez na cama diária. Quem sabe um corpo inédito baixe hoje em meu imaginário? Quem será que está para baixar? A face ainda aguada a se aproximar parece por enquanto indecifrável (NOLL, 2008, p.39).

O narrador e a esposa dormem no mesmo quarto, mesmo não compartilhando a mesma cama: “Dormir no mesmo quarto representava a construção de um quadro familiar sólido, diante do filho adolescente” (NOLL, 2008, p. 41). A esposa parece desempenhar apenas um papel social para ele, uma vez que a convenção social é centrada na constituição familiar. Clara, como é chamada, é uma esposa de aparência, visto que marido e mulher não dormem juntos.

Novamente o relato é interrompido abruptamente, e da cena com a mulher, passamos à ida ao cinema com o filho. Lá, João vai ao banheiro e tem um encontro com um rapaz, e claro, repleto de seres imaginários. Esse encontro furtivo pode inclusive não ter de fato ocorrido, pois o narrador não consegue precisar suas ações. Após, levar o filho para a casa de um amigo, reconhece o pai do rapaz e sente-se atraído por ele, conversam e demonstram mútuo interesse. E nesse interesse entra em vigor o interdito. Desse interesse fica apenas o aceno, o afago não ganha passagem. Ao voltar para casa, mais uma vez João chama à cama corpos fictícios durante o sexo com a esposa, com quem há anos não tinha uma relação sexual, e ao que parece, é só com a mulher, até o momento, que o narrador consegue concretizar seus desejos da carne, uma vez que com o amigo engenheiro, com a mulher do hotel e com o pai do amigo do filho tudo não passou de um aceno.

Durante seus devaneios, João conta sobre a possibilidade de ter uma filha, seguir uma vida organizada com a família, vender a fazenda que possui, abrir um negócio na capital e, quem sabe, se conseguisse realizar todas essas possibilidades: “Eu já teria esquecido do meu amigo engenheiro” (NOLL, 2008, p. 48). “Talvez já fosse imune às tentações diárias em face de outros homens. Talvez no campo erótico eu passasse a querer apenas a minha mulher, do mesmo jeito que faço agora” (NOLL, 2008, p. 48). Aqui, ambos chegam ao ápice do momento íntimo no mesmo instante: “O gozo dela vem ao encontro do meu e ambos se chocam de

súbito e se desvanecem em segundos nos deixando lassos, avulsos novamente” (NOLL, 2008, p. 48). Conforme já dito antes, Bataille apontou que somos seres descontínuos em busca de uma continuidade perdida. Posto isso, é interessante observar que durante a conjunção dos corpos, João pensa em ter uma filha, para assim aumentar a família e se reorganizar na vida. A possibilidade de um filho demonstra também a ideia de continuidade de si, mesmo sabendo-se que um ser gerado através dos genes do casal será outro ser descontínuo. Entretanto, existe a ilusória ideia de continuidade, numa tentativa ininteligível de se fundir através do ato sexual e da reprodução. Marido e mulher tornam-se um só durante o ato sexual; mas tão logo ocorre *la petite mort*, ou seja, o gozo sexual, voltam à descontinuidade, voltam a ser seres avulsos.

Nesse ínterim, o narrador comenta que: “Eu fora feito para essa epopeia libidinal” (NOLL, 2008, p. 48); e em razão dela, em sua parca consciência, complementa: “É quando você usa o corpo de um para gozar no corpo de outro” (NOLL, 2008, p. 48), e por esse motivo, diz que o fato de “renunciar outros corpos”, caso se efetivassem todas as possibilidades acima, não lhe pesaria.

Esse narrador que está sempre em trânsito mental, e muitas das vezes geográfico, relata que o submarino em que seu amigo estava naufragou na costa de Angola, e as notícias dão conta de que: “O único brasileiro no submarino era um baiano, justamente o único a se salvar” (NOLL, 2008, p. 52). Isso faz com o narrador aos poucos vá criando uma narrativa sobre a possibilidade de viver algo com o amigo, que, afinal, havia nascido na Bahia: “A ficção das coisas me enredava a ponto de não poder dela me desvencilhar” (NOLL, 2008, p. 54). As informações acerca do naufrágio são confusas e um tanto desencontradas. Mesmo com esses desencontros noticiosos, João se apega à informação de que o amigo está vivo e de que poderia estar com a saúde comprometida em alguma praia de Angola. A saúde do engenheiro preocupava João porque este acreditava que o amigo fosse um “épico da orgia [...] depois de meses nesse ritmo sexual cavalari” (NOLL, 2008, p. 55). Por esse motivo, se fosse preciso serviria de enfermeiro, acrescentando que: “Ele poderia me querer como homem, como mulher, os dois ao mesmo tempo” (NOLL, 2008, p. 56). Tudo o que esse narrador quer é estar com o amigo, não interessando a forma que tivesse que assumir, pois, “o que está em jogo no erotismo é sempre uma dissolução das formas constituídas. Repito-o: dessas formas de vida

social, regular, que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que somos” (BATAILLE, 2017, p 42). Sendo assim, para viver esse amor, João não mediria esforços para diluir eroticamente a si ou ao seu estado definido, fechado de homem. Ousaria novas possibilidades.

Como dito anteriormente, a possibilidade de João tornar-se mulher passa a ter singular importância no contexto que ele vai criando. Por esse motivo, a transfiguração do gênero e/ou do sexo para poder saciar seus desejos da libido e da vida cotidiana começa a se tornar mais presente na vida do narrador. Pelo amigo ele refaria a vida em outro lugar, o que abarcaria, caso fosse necessário, todas essas mudanças citadas, visto que, como já se sabe, João contaria uma nova história acerca da sua própria vida. Em nome desse novo João Imaculado, “deixaria algum dinheiro para a família e com a roupa do corpo me mandaria para refazer a vida onde ele bem entendesse” (NOLL, 2008, p. 56).

João projeta sua vida futura com o amigo engenheiro em outra cidade, e lá: “esse baiano que eu libertaria dos pelourinhos do corpo. Em troca ele não recusaria a minha servidão” (NOLL, 2008, p. 56). E reitera que, de fato, as notícias sobre o naufrago são desconstruídas e não há motivos para ficar pesquisando sobre isso.

Novamente, o pensamento é abruptamente interrompido e retorna a ideia de que o narrador precisaria reelaborar sua própria existência, pois para que essa nova história aconteça, ele teria de morrer para dar lugar a sua nova configuração, precisando, para tal intento, escrever ao filho pedindo para “não se sentir vergonhado da atitude do pai. [...]. A cada passo é preciso reiterar as normas da sentimentalidade. É necessário que depois de morto eu reinterprete o papel de pai, infelizmente, ainda com palavras pré-moldadas” (NOLL, 2008, p. 56). O que mais uma vez fica evidente é a necessidade de manter-se sempre alicerçado em algum ordenamento, nesse caso específico, à ideia de pai, cujo papel não será deixado de lado, mas tomará novos rumos. Rumos dos quais nem mesmo o narrador tem consciência.

Após esses devaneios, João informa que sua esposa ficou grávida e sofreu um aborto, incidente que gerou certo alívio ao narrador, mesmo que desejasse ter esse filho. Essa sensação se dá possivelmente pela esperança do retorno do amigo.

Esse narrador famélico por sexo realizará a seguir encontros furtivos em uma sauna. Do *dark room* onde ninguém tem nome, João Imaculado sai da sala e se

acomoda em uma espreguiçadeira onde passa um tempo pensando em procurar algum massagista que aceite fazer algo além da massagem. Mesmo sem ter procurado alguém para concretizar seus prazeres carnis, João já abre passagem para suas fantasias mesmo sem sair da cadeira em que estava, pressupondo que algum massagista aceitaria o intento:

Peço aos deuses que as imagens produzidas por meu cérebro dominem meu campo interior. Na superfície ponho-me a foder, mas com a atenção voltada para o avesso, onde uma idealidade erótica faz correr a boca por seu corpo inteiro” (NOLL, 2008, p. 59).

Deitado na espreguiçadeira, João avista seu filho com um amigo e tenta disfarçar sua presença naquele ambiente, comentando: “Sou um anônimo, alguém que pode desaparecer de pronto sem deixar lembranças” (NOLL, 2008, p. 60). Dito isso, o narrador sai à procura de um massagista. Durante a massagem, João diz que: “[...] passarei a ser casto fora do casamento. Empregarei todo o meu tesão no quarto do casal” (NOLL, 2008, p. 60). A ideia de reorganizar a vida a dois, reconstruir a vida de casal, ou seja, dentro dos preceitos cristãos, sem traições reais, passa a ser um de seus pensamentos, mas poucos instantes depois, ao observar o olhar convidativo do profissional para “algo mais”, sua proposta de castidade se dilui: “Dissolve assim minha intenção de investir meu tesão inteiro no leito nupcial” (NOLL, 2008, p. 61).

Cabe aqui fazer outro paralelo: massagem é uma atividade que João exerceu na juventude quando precisou ajudar financeiramente a família. Profissão que, como já mencionado, é composta por interditos, por necessitar da autorização do outro para que seja exercida. Aqui João é o cliente, é ele quem autoriza o toque. Mesmo existindo a permissão para tal prática, o interdito é quem impera neste labor. Quando o olhar do massagista passa a ser um aceno para um programa, o interdito é rompido, mas não suspenso; dessa forma, conforme já elucidado por Bataille, há uma ruptura da ordem, visto que o narrador aceita o convite do profissional.

No retorno para a casa é apresentada uma situação-limite para João. Esse narrador insaciável por sexo vê a mulher na cama e instintivamente se deixa despertar pela vontade de conjunção corporal com ela. No entanto, ele tem uma disfunção erétil, que o deixa demasiadamente chateado: “Deixei de destilar libido. Passei a ter fome sem poder curá-la. A minha alma reclama, mas não tenho mais a

carne que a traduz” (NOLL, 2008, p. 63). Diante de tal situação, João decide voltar à casa de massagem e procurar Bernardo, o massagista.

É a partir desse episódio que o narrador passa a desempenhar uma função cada vez mais próxima da imaginação, visto que, se as convocações do imaginário são sempre presentes quando ele é ativo, na possibilidade da condição de passivo a fantasia passa a desempenhar papel crucial na vida desse homem: “Eu me sentia um autêntico imaginador de lavras eróticas” (NOLL, 2008, p. 66). Contudo, na tentativa de imaginar o amigo engenheiro no corpo de seu massagista, João não consegue operar essa metamorfose imaginativa, e tudo o que toca é apenas um corpo, como ele próprio diz: “Mas, hoje, o espectro do meu amigo em terras longínquas não apareceu em meu socorro. Não consegui então deslocar o corpo de Bernardo para a imagem do engenheiro” (NOLL, 2008, p. 68). Essa insatisfação com a experiência com o massagista e a paixão pelo amigo engenheiro fazem João desejar trazer este para perto: “Faria todas as promessas para ter o engenheiro em Porto Alegre novamente” (NOLL, 2008, p. 68).

Desiludido com o problema erétil e com a não realização da imagem do amigo engenheiro no corpo de outro, após sair da sauna, João Imaculado perambula pela cidade para saciar seus desejos com um garoto de programa. Nesse intento, o narrador descreve o trajeto percorrido pela Porto Alegre noturna na intenção de resgatar a libido à força. No parque da Redenção, João combina com um rapaz um programa, mas antes eles vão a um bar, e lá o narrador bebe e observa que o garoto despeja algo no copo dizendo que era “apenas um aroma”, no entanto João tem consciência de que:

Eu sabia que não, que aquilo deveria ser alguma sedação ou coisa do gênero [...]. Via tudo isso, mas não encontrava forças de evitar que a desventura prosseguisse. [...]. Eu era todo oferenda e começava a me embevecer por aqueles desdobramentos (NOLL, 2008, p. 69-70).

Apesar da possibilidade de ser furtado ou qualquer outra circunstância problemática, ele entrega-se pela força do desejo de recuperar sua libido. Em um quarto com o garoto, a desconfiança se confirma: o narrador é agredido e durante a agressão constata: “Ali, estirado no chão, sem sentir um pingo de dor, ali, turvo, turvo, toquei no meu púbis. Tinha recuperado uma ereção estável. De vez, será? A ereção mantinha-se parada, sem qualquer estimulação manual, parada mas firme”

(NOLL 2008, p. 71). Aqui é possível perceber o quanto esse narrador é alimentado pelo sexo e por meio dele ganha força, se alimenta, se realiza. Não importa o risco, a desventura, ou a iminência da morte, mesmo diante da violência João necessita mais do que tudo saciar essa fome incontrolável. Ele só se realiza por meio das práticas eróticas e sexuais. O que fica ainda mais saliente é que mesmo sofrendo fortes golpes, o narrador não deixa de sentir prazer: “De novo não deu para sentir de fato uma dor; o que sei é que, ao levar o pontapé, gozei enfim, tão fundo que parecia o ato de morrer” (NOLL, 2008, p. 71). Nem a violência sofrida fez com ele refreasse o desejo do gozo, aliás, talvez a violência tenha suscitado ainda mais o gozo.

A ideia de Bataille de que o gozo seria uma pequena morte, que teria como resultado a transformação do sujeito em alguém diferente de quem era antes do clímax, ficará mais evidente a seguir. Como consequência da agressão, o narrador é levado para um hospital e acorda sem ter certeza de estar lá ou em seu próprio velório, até porque vê a mulher e o filho. A agressão traz uma nova condição ao estado de João: ele entra em processo de esvaziamento da memória, não recorda de sua própria face, e por esse motivo, solicita ao filho um espelho:

Pedi que me trouxesse um espelho para eu ver os danos. Fiquei levemente incomodado com o risco de não encontrar a mesma cara de antes. E qual seria a face anterior? Ele trouxe o espelho. O diabo é que de fato não lembrava como a minha fisionomia era antes daqui. E a capacidade de enxergar tinha caído, e muito. Os meus olhos cobriam-se de uma bruma teimosa. Possivelmente desfigurado e tomado pelo esquecimento ansiei por mais sono (NOLL, 2008, p. 72).

Não lembrar de seu próprio rosto faz com que João inicie o processo de apagamento da sua forma física, e para além dela, o processo de esquecimento de sua vida como um todo: “A única coisa que minha cabeça guardava, de forma absolutamente intacta, era o corpo sardento do putinho em explosões de rara ira” (NOLL, 2008, p. 73). O narrador-personagem acrescenta ainda que “forçava a memória para além ou aquém do garoto de programa [...]. Relembrar seria pedir o impossível de minhas ruínas. O vácuo de consciência se revelava colossal. Eu flutuava sobre o leito como se boiasse circundado por marolas (NOLL, 2008, p. 73).

Ainda assim, mesmo diante dos problemas de memória, João consegue imaginar dois homens em cena íntima, embora isso ocorra apenas com a finalidade de conferir se ainda consegue ser um homem ativo sexualmente. Para isso, leva a

mão até seu púbis e constata que seu membro está intumescido, o que faz com ele sintasse aliviado. Posto está que para um homem insaciável é relevante conferir se a fonte que culmina na realização do prazer não foi afetada pela violência sofrida. Além disso, João confirma mais uma vez sua jornada em tal epopeia da libido “poderia recompor a memória através de levantamento do clima físico correspondente a cada cópula” (NOLL, 2008, p. 73).

A construção da memória de João é acionada a partir daquilo que melhor o representa: a pujança sexual, pois: “A verdade é que, em mim, o sexo sobrepujava o resto” (NOLL, 2008, p. 74). As reflexões sobre sua vida sexual são partes fundamentais de sua constituição humana, visto que ele afirma que: “Se eu morresse já, teria para apresentar uma quilometragem razoável de pequenos, mas nítidos frêmitos, próprios do tesão. Eu renascia a cada surto da libido (NOLL, 2008, p. 74-75). Não importa para esse narrador o estado em que está, desmemoriado em um leito de hospital, pois se morresse ali já estaria satisfeito com a vida sexual que teve até aquele momento:

Por mais que me desencantasse rapidamente com um ou outro parceiro, por mais que depois de gozar eu precisasse escapar da presença do outro, sob pena de passar mal, eu sabia tocar no corpo alheio como se tocasse num fio desencapado, para logo morrer e irromper de novo do mesmo choque elétrico. O ato seguia primeiro o percurso da semi-ereção a caminho da ereção; depois, o da culminância ao da lassidão (NOLL, 2008, p. 75).

O “logo morrer e irromper de novo” seria a pequena morte sobre a qual Bataille teorizou, representando o orgasmo, o momento efêmero da perda da consciência durante o momento do gozo, perda provisória dos sentidos. Não uma morte, mas aquilo que ela representa: a ilusória continuidade.

No entanto, João Imaculado seguia sem o auxílio da memória, que é parte constitutiva daquilo que somos. O único referencial dela de que João se utiliza é a lembrança da esposa e do filho. Para além dos dois, o narrador parecia não possuir um passado. Dito isso, João dorme e, ao acordar, percebe a presença do amigo engenheiro ao lado do leito. Eis um aceno.

Com o reencontro, João vai recuperando, pela força do estímulo visual do amigo que é seu grande amor e intensificador do seu desejo, a turva memória, conforme ressalta: “Lembrava, sim, que eu tinha uma história, mesmo que

desgovernada muitas vezes ou quase sempre” (NOLL, 2008, p. 76). E mais uma vez, os fragmentos do passado vão se reconstituindo, juntado os cacos e re(definindo) uma nova vida, como ficará mais claro a seguir.

Porém, antes de qualquer informação nova, ressalto que, embora João revele a presença do amigo ao lado do seu leito, tudo o que está relatando, a partir desse momento, pode fazer parte de um estado de coma ou delírio, pois o narrador passa a não ter certeza de realmente estar vivenciando tais momentos. O aceno dessa possibilidade surge a partir do momento em que, após projetar sua vida futura com o amigo engenheiro, acorda e tem a impressão de que está observando seu próprio velório: “E estava deitado num leito branco. Bem no meio de um salão. O salão, vazio. Capela de velório? [...]. Os que me velam se retiraram para um cafezinho? Tudo se expressava em branco (NOLL, 2008, p. 78). A única pessoa que ele consegue observar no salão é a mesma que lhe reconstitui memória, a mesma por quem seguiria uma vida de errâncias libidinais: o amigo engenheiro. A impressão que se tem é a de que para ele o amigo é uma espécie de anjo que veio buscá-lo a fim de levá-lo ao paraíso, conforme explícito na passagem a seguir: “Podemos ir, ele falou ajudando-me a levantar. Não senti dor nem ao menos desconforto. Nem fraqueza. A primeira coisa que me perguntei foi se eu não tinha sido incluído numa versão ligeira do paraíso. Eu e ele isolados numa ilha em branco (NOLL, 2008, p. 78).

Interessante observar que a presença do amigo nessa situação é crucial para o narrador, visto que o engenheiro é, como se viu, o grande detentor da existência desse homem cambiante entre a vida e a morte. Dessa forma, a “ilha em branco” representa uma nova história, uma nova vida pra João. Uma nova possibilidade. Um novo fragmento. Um novo João. Um aceno possível. A partir disso, o narrador não saberá precisar absolutamente nada, pois está em condições precárias mental e fisicamente.

O narrador é levado para Cuiabá, onde passa a viver com o amigo engenheiro. No caminho, é informado de que fora resgatado de uma sepultura e que para todos ele está morto. Estando morto para a esposa, filho e os demais, poderá escrever sua nova história, agora com o engenheiro. Em última análise, João Imaculado passa por uma metafórica experiência de morte, uma vez que a morte aqui está, pelo que tudo indica, na mente do narrador.

Nessa cidade eles se instalam em uma casa no meio de uma mata, onde uma nova constituição de vida será possível, visto que o narrador já não existe mais para a sociedade, seu passado ficou para trás. Outra formação familiar será traçada: “E para mim fora preparada a cozinha com seus apetrechos. Para que tomasse conta dela e nela fizesse bons pratos para o casal. E que soubesse lavar e passar” (NOLL, 2008, p. 81). João, ainda sem saber o rumo de sua nova vida, já antecipa mentalmente que as tarefas domésticas ficariam a cargo dele. Se pensarmos na ideia de organização familiar nos moldes patriarcais, em que a mulher fica encarregada dos afazeres da casa enquanto o homem, o grande provedor, se encarrega de trazer o sustendo para a família, observamos que mais uma vez João se identifica com o papel tradicional da figura feminina. João conclui que, realizando as lidas domésticas, o engenheiro enfim seria dele:

Bastava que fosse a mulher com a qual ele sonhava [...] agora seria uma outra história e os dois atuariam na mesma produção. Eu precisaria me sair bem. Se a minha oferenda culinária, de fato, tivesse como recompensa a dádiva física dele (NOLL, 2008, p. 81-82).

Aqui se faz mais um paralelo possível: quando João soube do naufrágio do submarino, pressupôs que o amigo estaria com a saúde comprometida, necessitando de cuidados. Sendo assim, o narrador se proporia a cuidá-lo como se fosse sua enfermeira. Além disso, nessas divagações, ele confirmou que, caso fosse necessário, se tornaria o homem ou a mulher que o engenheiro quisesse e na cidade que desejasse, para construir uma nova história. E isso se torna “possível” com parte dos papéis trocados. Agora, João é quem sofreu violência e portanto precisa de cuidados. No entanto, as outras projeções parecem se confirmar: viver com o engenheiro em outra cidade, construir uma nova história e tornar-se mulher.

Todas as ações desse narrador têm como único objetivo o deleite sexual, não importando o que ele precisará fazer para atingir esse intento. Para tanto, tentará fundir-se ao outro das mais variadas formas, e a comunhão dos corpos se dará de formas inusitadas, uma delas sendo a transmutação de seu próprio corpo. Esse corpo masculino passará a modificar-se gradativamente. E para que seu objetivo se realize, João precisará deixar seu passado definitivamente para trás:

Eu estava ali, preferindo me esquecer dos parcos resultados financeiros da minha fazendola. Esqueceria-me também de meu filho, minha mulher e tudo mais. Para essa realidade eu tinha morrido, sim. Estava condenado a viver dali pra frente no Mato Grosso. Ao lado do engenheiro (NOLL, 2008, p.89).

João estava se despedindo da memória de um passado em Porto Alegre com a esposa e com o filho, da vida construída sob os moldes sociais, previamente definidos e aceitos pela sociedade. Entretanto, a memória, como já foi dito é parte constitutiva do que fomos, do que somos e do que seremos, e em vista disso é interessante perceber que João passará por processos fragmentados de lembranças e esquecimentos, pois ao fazer o movimento de lembrar de algo, faz um outro movimento concomitante: esquecer. A nossa memória é constituída de muitas lembranças, mas também de muitos esquecimentos. Muitas lacunas ficam abertas para que a urgência da vida ocorra. Seria impossível vivermos o presente lembrando o tempo todo de cada detalhe do que já passou. Fazer recortes de lembranças é vital. Fazemos recortes daquilo que foi mais significativo para que possamos seguir nossa jornada e viver o presente sem, contudo, esquecer, de fato, o passado. Este fica em algum lugar de nós, fragmentado e recortado pela urgência da vida presente. Além disso, ao acessarmos parte desse passado, ele se modifica e se atualiza. E é através dessa atualização que percebemos que ele faz parte do que somos hoje, pois, de certa forma, somos fragmento daquilo que fomos. A memória nos constitui enquanto humanos, seus resquícios são como pequenos tijolos de um edifício em constante construção.

Pensando na memória como constituinte daquilo que fomos e daquilo que estamos nos tornando, chegamos ao papel da memória na construção de nossa identidade. Para lembrar é preciso esquecer: só lembramos porque esquecemos (IZQUIERDO, 2004). Segundo Iván Izquierdo (2004), neurocientista de referência nos estudos sobre memória, seria impossível viver se lembrássemos de absolutamente tudo; por isso, nosso cérebro seleciona apenas aquilo que considera mais importante:

Toda memória é adquirida num certo estado emocional. [...] Todos recordamos onde estávamos e o que estávamos fazendo na hora em que morreu Ayrton Senna ou quando o segundo avião bateu na segunda torre de Manhattan no famoso 11 de setembro. Ninguém se lembra do rosto da pessoa que nos vendeu os ingressos na última vez que fomos ao cinema, embora o filme tenha sido magnífico;

recordamos, sim, parte do filme, mas não todo; quando olhamos pela segunda vez notaremos quantos momentos-chaves do filme [...] tínhamos esquecido (IZQUIERDO, 2004, p. 36-37).

O excerto acima nos esclarece o quanto esses recortes são significativos para que possamos trilhar nosso caminho sem que o passado atrapalhe a fluidez da caminhada. Além disso, levamos conosco, em nosso bojo de experiências, todo um passado que, juntamente com o presente, cria uma espécie de palimpsestos de história, construindo aquilo que sempre vai se (re)constituindo ao longo de nossa vida: a identidade.

Dessa forma, é possível pensar na trajetória de João, que passou parte de sua vida lembrando o episódio ocorrido no corredor do dentista, onde descobriu o sexo com o amigo que hoje vive com ele. Quanto desse João menino, do João pai, e até mesmo do João marido de Clara será colocado na gaveta do esquecimento para que um novo caminho seja possível?

O certo é que João, nesse propósito de se realizar sexualmente na conjunção carnal com o amigo engenheiro, passará a desenvolver hábitos e formas canonicamente desempenhadas pelas mulheres. Vejamos: “[...] eu estava ali, pronto para servir de mulher para o engenheiro” (NOLL, 2008, p. 90). Isso confirma a assertiva dele quando imaginou o retorno do amigo após o naufrágio. E para que essa transformação ocorra, ele colocará na gaveta do esquecimento seu papel até então masculino, aquele que sempre fez parte de sua vida. A partir de agora tentará ser até mesmo anatomicamente uma mulher para seu homem.

Contudo, no primeiro ato sexual entre eles, o narrador atuará como ativo, ou seja, exercerá o seu lado masculino na relação, pois seu grande amor está impotente. É neste momento que João descobrirá que, diferente do que suponha, na verdade o engenheiro não desempenhava o papel de ativo com a tripulação do submarino alemão. Conforme observa: “[...] ele fora comido por dezenas de alemães. Andava impotente. [...] O engenheiro protagonizava um sacrifício dos mares” (NOLL, 2008, p. 91).

Diante dessa conjuntura, João não vê outra saída senão a de ser a parte ativa na relação, mas dentro de seu âmago desempenhará o papel feminino para dessa forma atingir o objetivo primeiro, que é a tentativa de fusão entre os corpos. Embora ainda não se entendesse como mulher, o narrador buscaria na sua construção imaginária se aproximar ao máximo dos desejos eróticos e das formas femininas na

relação íntima com o seu parceiro de jogo. E isso era preciso para João Imaculado ser outro. Ser outra. Ser vários. Já havia morrido uma vez, mesmo que simbolicamente, era um ser ressurgido, alguém cuja página da vida está em branco, o que o permite escrever uma nova história do zero.

Diante do fato de João ter de desempenhar o papel ativo da relação, vem à discussão o que Bataille postulou: “No movimento de dissolução dos seres, o parceiro masculino tem em princípio um papel ativo, a parte feminina é passiva. É essencialmente a parte passiva, feminina, que é dissolvida enquanto ser constituído” (BATAILLE, 2017, p. 41). Isso faz com que João se salvasse pela imaginação ao desempenhar ambos os papéis. Dessa forma, mesmo que a relação seja efetivamente entre dois homens, o erotismo de João, que é a transgressão por excelência, lhe possibilitará construir uma configuração diferente em sua própria cena erótico-sexual.

O narrador precisava atuar conforme seus anseios, que são basicamente sexuais e que culminam no mais íntimo do movimento erótico. Entretanto, João salienta que esse ser feminino está se constituindo para e pelo amigo, não fosse por essa figura, ele seguiria o curso no universo masculino: “Tudo dependia mesmo do engenheiro. Afinal, eu avançava pelo meu feminino só para ele. Sem ele, voltaria ao homem que fui” (NOLL, 2008, p.96). Avançar no universo feminino seria uma forma de romper um limite, uma vez que João tem um corpo biologicamente masculino. Há uma espécie de não-limite nesse corpo que se transmutará, mas há na mesma medida um não-limite dentro desse sujeito que não se limita a convenções sociais, ou seja, ultrapassa a ideia de corpo feminino ou masculino previamente estabelecida por convenções.

Após a primeira noite, João se questiona se realmente é essa a vida que quer para si, e aqui o narrador já começa a usar palavras no feminino para se referir a si mesmo, conforme pontua:

Antes de acompanhá-lo até a varanda me perguntei se era isso mesmo o que eu queria: ser prisioneira do lar e dos serviços. E olhei para o cara que podia chamar de marido, verificando mais uma vez que, por ele, eu me aprisionaria na sequência conta-gotas dos horários úteis (NOLL, 2008, p. 94).

O papel de dona do lar, apesar de gerar tal dúvida, passa a ser cada vez mais presente. João observa que durante o dia ele seria a esposa, a mulher para o amigo,

mas à noite seria o homem. O fato de que ele assumiria dois papéis distintos o angustiava e também despertava novas possibilidades.

Ao viver essa “abstração feminina” que estava se manifestando também na forma física e no seu íntimo, em que consistiria a fusão por que João está buscando insistentemente? Tendo as formas alteradas, usufruindo de ambos os sexos, seria ele mesmo a parte que lhe faltava? A parte que lhe proporcionaria a completude?

De modo geral, podemos perceber que a transgressão não é somente do corpo como também dos pensamentos de João. Há uma cisão da ordem condicionada socialmente ao corpo, visto ele que nasceu sob um corpo masculino e a partir de agora o metamorfoseará em um corpo feminino. Observamos que não são as regras sociais que dominam seu corpo e seus anseios, e sim seu erotismo, sua partícula interior. É por causa de seu peculiar erotismo que João transgride e se faz João. Esse João que é vários. O corpo é um lugar de realização para esse homem para quem o sexo é sempre sim. O sexo é um lugar de encontro dele com ele mesmo, é a maneira com que ele se sente presente no mundo.

Ainda sobre suas divagações acerca de estar se transformando em mulher, João expõe que uma mulher imaginária o visitava desde a infância:

Durante essas visitas eu levava o dedo indicador aos cabelos, para passá-los, suspirando, em volta de uma mecha. Sempre achei que essa mulher adoraria me ver como sua colega de gênero. Não lhe contei nada a respeito de minha transmutação. Mas tenho certeza de que ela percebeu (NOLL, 2008, p. 102).

Notamos que desde os idos tempos de infância havia nesse narrador um aceno para transgredir em seu próprio corpo. Essa construção imaginária da mulher revela o que o narrador já sabia: seu desejo de transmutar-se; confirmado no trecho abaixo:

[...] à hora do banho, eu subia nu na borda da banheira para me ver no espelho. Botava a mão fechada sobre o sexo, tapava-o para me imaginar mulher. Se eu conseguia? Sim. Desde que minha mão ficasse no seu posto, ajudando-me assim na súbita conversão (NOLL, 2008, p. 104).

Dessa maneira, é possível perceber que a transmutação nesse narrador não é algo de pesado, de absurdo, mas sim algo possível. Ele já havia se imaginado em um corpo feminino na infância, logo, esse processo é mais digerível para ele. Além

disso, a mutação do corpo é gradativa e é por isso que ele passará por momentos de reflexão e oscilação quanto a sua forma física.

Mais adiante João comenta que vai a um açougue e o atendente o olha, percebendo-o: “[...] meio malicioso, sem que eu pudesse depreender se me via como mulher ou como homem” (NOLL, 2008, p. 105); e isso faz com que ele revele que: “parte de mim gostava de ser vista como mulher, de ganhar olhares de desejo que só um homem pode empreender diante de uma fêmea” (NOLL, 2008, p. 105). O objeto de desejo se constitui aqui através do olhar do outro, pois é esse olhar que definirá a configuração do ser olhado; sendo assim, para esse narrador de anatomia cambiante, a sua definição de gênero estará a cargo do olhar alheio, principalmente do olhar do marido, ao menos num primeiro plano. Conforme Bataille, o erotismo corresponde à subjetividade do sujeito, a partir de um objeto externo. João responderá ao desejo erótico interno de seu marido, ou seja, a subjetividade engenheiro que despertará no objeto desejado que será o João, seja homem, seja mulher. Já no que diz respeito à subjetividade de João quanto ao seu objeto de desejo, está claro: deseja homem. Nas palavras do narrador: “Mas muito de meu desejo gostava mesmo era de ser cobiçado por outro macho” (NOLL, 2008, p. 105).

Na sequência, o narrador reforça que o processo de transmutação se dá aos poucos: “la me constituindo em uma mulher no conteúdo de um homem. Aos poucos faria vingar a mulher até em minha superfície” (NOLL, 2008, p. 108). Além disso, durante esse processo, ele ainda exerce, como se sabe, o papel de ativo na relação sexual à noite, enquanto o lado feminino era exercido de dia durante os afazeres de casa:

Por enquanto eu não me constituía numa coisa nem noutra, eu deveria só dar conta das prendas domésticas e à noite fazer valer meu longo pau no ânus delicioso do engenheiro. O gemido que exalava, quando eu gozava no seu fundo escuro, valia toda uma vida (NOLL, 2008, p. 108-109).

O ato sexual entre eles gerava no narrador momentos de profundo prazer e realização, pois a conjunção de seu corpo com o do engenheiro é puro deleite. O gozo aqui representa a satisfação do parceiro, mas a de João também; isto é, quando o prazer do parceiro culmina no gozo, ambos são contemplados.

João Imaculado é movido pelo seu excesso, pelo impulso sexual que é quase incontrolável, visto que ele se doa por completo às variações de seu próprio comportamento pessoal e interpessoal na tentativa de saciar sua fome inesgotável: “Mesmo confuso entre o macho e a fêmea, saciava o desejo do engenheiro todas as noites, com direito, em dias de folga dele, a bagunças orgiásticas” (NOLL, 2008, p. 110). João sacia o desejo de seu marido, ao passo que ele mesmo está sempre condicionado a buscas eróticas-sexuais, uma vez que sua fome por sexo é inesgotável.

Quando o engenheiro sai para trabalhar, João acaba recebendo a visita de uma vizinha, chamada Cida, que vem em busca de um pouco de álcool para passar nos seios, pois amamenta e precisa higienizar as fissuras que estavam provocando sapinho nos lábios do bebê. João a ajuda a limpá-los e, durante a higienização, Cida geme por causa da ardência do líquido. Nesse momento o narrador teme por uma excitação: “Pedia aos santos para não entrar em estado de excitação diante daquelas tetas intumescidas” (NOLL, 2008, p. 112). Tal situação o faz recordar de que ele agora está se tornando uma mulher casada e que, se caísse na tentação, se transgredisse o interdito matrimonial, colocaria em risco a relação com o marido:

Eu deveria continuar a obedecer cegamente os preceitos do meu homem, pois só poderiam emanar de sua pessoa os cânones difusos do meu cotidiano. Era ele quem ditava, sem saber, as normas” (NOLL, 2008, p. 113).

Além disso, a transgressão não estaria apenas no que diz respeito ao seu relacionamento com o engenheiro, mas também à própria Cida, uma mulher. O ato de passar o álcool nos seios da vizinha torna-se um aceno, criando uma atmosfera libidínica, dessa vez numa configuração diferente, marcadamente erótica, com outra mulher. Esse ato gerou em João um despertar erótico ao suscitar desejos internos, fazendo com que ele se despedisse rapidamente da vizinha. Dessa cena, ficou apenas um aceno, o afago precisou ser desviado.

Mais adiante, após um banho num lago com um desconhecido, João chega a casa e constata ao se olhar no espelho:

Notei que meu rosto vinha perdendo os pelos que compunham a barba. Eu estava virando mulher devagarzinho? Esperava que quando o destino a completasse, eu ainda não sofresse de

senilidade e pudesse reconhecê-la, fazendo-a soberana na hospedaria de meu corpo (NOLL, 2008, p. 122)

Agora o corpo de João está mudando a forma física, e as características estão mais femininas. E por tal mutação ser gradativa, levaria um longo tempo para tornar-se completa. Em vista disso, o narrador almeja completar-se antes da velhice para assim poder usufruir dessa nova existência, mas não esquecendo-se de que: “Entre ser homem ou mulher fico com os dois” (NOLL, 2008, p. 122). Mais uma vez a transgressão do corpo fica a cargo de seus anseios íntimos: sendo composto por ambos os sexos, ele estaria ainda mais próximo da forma andrógina, ou seja, gozaria dos prazeres das duas composições.

Nessa nova concepção de João, que está se tornando uma mulher, há uma subversão do corpo e do discurso, o que faz com que o erotismo permita-lhe as vivências de suas novas possibilidades. É o erotismo dele que possibilita sua transmutação, pois sua prática erótica está alicerçada nos seus anseios internos.

Logo após, o amigo retorna de viagem, machucado, e ambos preparam-se para fugir do local onde residem. A fuga gera questionamentos que não serão esclarecidos pelo engenheiro, mas que o narrador descobrirá: como e de quem eles estão fugindo, o porquê da fuga e se o amigo é um traficante. O fato é que João Imaculado estava em franca mudança, estava tornando-se mulher, seus seios já estavam mais salientes e doíam. Mesmo prestes a fugir, João tira sua blusa para que o marido possa tocar em sua nova descoberta anatômica, o que culmina em um ato sexual, precedido por uma preparação para mostrar os novos seios “que tinham acabado de brotar da força do meu corpo –, bicos púberes revolucionando a minha anatomia” (NOLL, 2008, 124). Essa é uma cena erótica, em que o engenheiro toca por baixo da blusa os seios “em flor”, pois há o desnudamento do corpo do narrador insinuando o desejo de ser tocado. O jogo erótico ocorre nesse limiar entre a possibilidade de ser tocado e a ruptura da roupa. Durante o toque, o narrador revela que “respondia me vertendo toda” (NOLL, 2008, p. 124). Esse corpo está em estado de graça, abrindo-se em novas possibilidades de volúpia para o amigo: “Eu era uma espécie de condutora de sua escalada na minha nova morfologia” (NOLL, 2008, p. 125). O corpo de João torna-se um corpo-erótico porque ampara toda a linguagem do desejo dele próprio e do outro: “[...] mamando nos meus peitinhos como se estivesse descobrindo só agora a succulenta dádiva das fêmeas” (NOLL, 2008, p.

125). Há um extravasamento do ser fechado e ambos rompem os limites quando um aceita tornar-se mulher em detrimento do outro, ou seja, há a dissolução das formas fechadas, o que contribui para mostrar a própria ambiguidade do ser. Eis o que o erotismo faz: traz à tona a nossa obscuridade.

Para João a fuga representava, além de medo, uma espécie de satisfação: “Eu queria ser figura decisória, a mulher que se aproveita do marido para se infiltrar como espiã independente no topo do serviço” (NOLL, 2008, p. 126). Estar em meio a uma situação de extremo risco, visto que o engenheiro, pelo o que tudo indica, é criminoso, desperta em João a vontade de participar do esquema ilegal. Bataille afirma que “no extremo, queremos resolutamente o que coloca nossa vida em perigo” (BATAILLE, 2017, p. 110). Isso posto, observamos que o narrador gosta de correr riscos: ele entrega-se a situações conflitantes, deixa-se levar e, pelo o que parece, deleita-se com tais contingências. Diante do perigo, João reitera: “Eu estava disponível para seguir esse homem. Com orgulho do altíssimo risco de sua atividade” (NOLL, 2008, p. 130).

Após o ato sexual, no momento em que estão se preparando para partir, ao pegar as peças íntimas, o narrador sente-se próximo ao seu ideal de realização:

Ao pegar as cuecas senti uma intimidade raríssima com um outro corpo. Aproximava-as do nariz, aspirava o denso odor de porra, sebo e merda misturados. Se eu pudesse usar a cueca dele e ele a minha, a vida estaria parcialmente resolvida. Ao apagar das luzes, a quimera da fusão com o outro larga um travo amargo na ideia (NOLL, 2008, p. 129).

João busca realizar a fusão dos corpos, mas tem consciência de que ela é ilusória. No entanto, essa tentativa de fusão é como alimento, ar para ele para continuar vivendo, e por isso o narrador seguirá nessa jornada de busca. A fuga acontece por meio de helicóptero, e, durante o voo, João relembra parcamente do filho e da esposa, que acreditam em sua morte, isso o faz reforçar que a nova história é a que ele deve seguir até o fim, mesmo que o levasse à morte de fato: “Morrer com ele da mesma arma me credenciaria a alguma eternidade [...] sentia-me uma espécie de vestal do crime” (NOLL, 2008, p. 131). Nesse sentido, aqui se caracteriza o erotismo sagrado, visto que João almeja uma espécie de eternidade, aquilo que transcende, uma busca por plenitude.

De fato o narrador não tinha nenhuma informação sobre as atividades do engenheiro, ao seguir nessa enigmática aventura estava jogando-se ao acaso, a possíveis desventuras:

Embora eu amasse o engenheiro, tinha consciência de que minha vida se adulterava, e o pior de tudo: “[...] vinha perdendo até a inteligência, ao me resignar diante dele com assuntos inferiores, sem nenhuma consequência para meu futuro cada vez mais curto, claro (NOLL, 2008, p. 131).

Ciente de que seu futuro tornara-se incerto e curto, João lança-se ao desconhecido em nome do amor que sente pelo o amigo: “Morto, eu vivia com um homem chegado ao soturno. Misterioso o bastante para que não quisesse me abrir detalhes do cerco do qual fugíamos” (NOLL, 2008, p. 131). No entanto, durante o voo o narrador confirma as suspeitas quanto ao envolvimento do amigo no mundo do crime, descobrindo que este está envolvido com o tráfico de anfetaminas. Chegando ao que seria o esconderijo, João observa que não têm absolutamente nada para uma refeição e que estão em meio a uma selva sendo picados por insetos, escondidos em algum lugar de difícil acesso, tanto para eles saírem em busca de alimento quanto para serem encontrados pela polícia. Nesse momento o narrador se dá conta de que perdeu completamente a noção de tempo: “[...] eu não sabia mais o que era tarde, manhã, noite, madrugada. Aliás, essa confusão já vinha de longe. Nunca trabalhara com horários. Eu era desde sempre um espaço vago para qualquer um estacionar” (NOLL, 2008, p. 137). Ele percebe-se avulso no mundo, um espaço vazio, uma folha em branco. Sem par.

Diante da fogueira que fez para afastar os insetos, João sentia-se um “guardião do fogo”, ressaltando que só sairia da volta dele se o engenheiro o chamasse para a intimidade: “Quando então nada do que tivesse ao redor me importava” (NOLL, 2008, p. 137). Para esse sujeito nada importa desde que sua possibilidade de realização carnal ocorra, independente do perigo, do lugar onde esteja, tendo a oportunidade de entregar-se ao amigo, assim o faria. Sempre à espera do aceno. E sempre disposto ao afago.

Nesse momento é interessante atentar para o fato de que não temos acesso a quase nada acerca do engenheiro, visto que o narrador não traz muitas informações sobre o amante: “Eu ignorava esse homem. Mesmo na época de

companheiros de juventude, mesmo isso já parecia espantosamente pálido, sem força de permanência” (NOLL, 2008, p.138). Nesse sentido, o engenheiro parece aos olhos do narrador como alguém inconstante, um sujeito opaco. Esse personagem é extremamente rarefeito, há uma espécie de apagamento gradativo dele; mesmo quando ganha certo relevo, João vai demonstrando a efemeridade dos movimentos do companheiro. O narrador não aprofunda nada além do que diz saber, demonstra enfatizá-lo apenas no âmbito sexual, que é o lugar onde João se afirma, se faz real. O engenheiro, apesar de ser o amor de João, é alguém que demonstrar ser apenas um receptor da angústia clandestina do narrador. Talvez essa preferência advinha da vontade do narrador de deixar as lacunas para sua imersão no mundo imaginário, lugar onde sua realização sexual é possível. A ruptura está justamente onde o narrador transborda, nesse espaço vazio da vida do amigo.

Ainda diante da fogueira, João faz comentários sobre seu próprio apagamento, uma vez que sua história atual se sobressai à pressa ao mesmo tempo em que faz dele uma pessoa em processo de rarefação. Ele não sabe muito sobre si e para onde está seguindo seu curso: “Parecia o ingresso em um campo visual negligenciado, um exercício de recuperar os pormenores de um ostracismo ocular que por acaso era o meu” (NOLL, 2008, p. 140). Tal abandono em relação a si mesmo mostra que o narrador deixou para trás uma vida, de certa maneira, organizada, com esposa e filho, e bem ou mal era um homem que tinha certa autonomia, existia, tinha uma identidade definida. Agora era um homem desfazendo-se de si e ancorado em outro. Tais pensamentos o fazem refletir sobre o quanto de paixão dedicou ao amigo ao longo dos anos, reflexão traduzida novamente pelo emaranhamento de tempo e de situações, como a incerteza de se o envolvimento com o amigo foi na infância ou na adolescência, e a ressalva de que, por conta de sua fixação pelo amigo, tornou-se a ponta mais frágil: “Aquele que revolve uma paixão acaba sendo a ponta mais vulnerável. [...] em frente à fogueira, misturando tempos, repetindo cenas, quadros, sendo eu enfim ao mesmo instante em tantas situações” (NOLL, 2008, 140).

Após, o engenheiro chama para João para o quarto, fazendo com que este volte a pensamentos libidinosos:

Foder com o engenheiro era foder com um além de mim. E isso nossa união se fazia fecunda. Afinal, ficáramos décadas virgens um do outro. Sobrevinha sempre um novo detalhe em seu corpo que eu passava a incluir em meu delírio (NOLL, 2008, p. 141).

O narrador, que busca uma realização erótica, demonstra que mesmo frente a sua condição de espera para realizar-se com o amigo, faz deste uma fonte de prazer quase inesgotável: a expectativa aguçou ainda mais as possibilidades erótico-sexuais. Entretanto, nem todo o ato sexual entre eles é erótico, muitas das vezes acontece somente a realização animal, uma vez que não há o jogo erótico.

Abrirei um parêntese neste momento. Durante toda a narrativa, João usa muitas palavras de baixo calão, principalmente nas cenas onde o sexo ganha relevo; nelas, o falo, o ânus e o coito, por exemplo, são nomeados por “pau”, “cacete”, “caralho” “cu” e “foda”. Tais palavras compõem o universo no qual a transgressão contribui para a jornada do narrador em busca de fusão. O rebaixamento do verbo é também o da cena erótica, há entre eles um excesso: um e outro interdito e transgressão. Um e outro aceno e afago. A escrita-desejo oscila entre o lirismo e sua profanação, sendo que as palavras chulas configuram um interdito a ser ultrapassado:

As palavras grosseiras que designam os órgãos, os produtos ou os atos sexuais, introduzem o mesmo rebaixamento. Essas palavras são *interditos*; em geral, é proibido nomear esses órgãos. Nomeá-los de uma maneira desavergonhada faz passar da transgressão à indiferença que coloca no mesmo patamar o profano e o mais sagrado (BATAILLE, 2017, p. 160).

João é chamado pelo amante no quarto, o que faz o narrador refletir sobre como se sente em relação ao contato corporal:

Depois eu experimentava o torpor de quem se embriaga e agora se recolhe temendo a exposição ao abandono. [...] A impressão de não se ter parceiro, tamanho o isolamento de quem se engasga de deleite e dorme. Após, o cara já adulto se entrega ao impulso ilusório de fusão com o amante, mesmo antevendo o fracasso da empreitada. O que pulsa veemente em uma foda é o desejo insano de morrer no abraço. Se for preciso morrer para fixar essa fusão, então que a morte nos tome com sua bizarra eternidade (NOLL, 2008, p. 141).

Como mencionei algumas vezes, o narrador demonstra o desejo de fundir-se ao amigo não importando os meios que precisará usar para tal intento, mesmo sabendo que é um desejo realizável apenas no imaginário. Quando chega ao quarto, João deita-se sobre o amigo, que subitamente troca de posição com ele. Nesse movimento o narrador percebe que o falo do amigo está entumecido, “milagrosamente duro”. No entanto, João apresenta sua primeira disfunção erétil com este parceiro: “Quem tramou tal alternância lasciva entre nós dois? Os deuses tinham escrito antecipadamente essa marcação de cena?” (NOLL, 2008, p. 143). Diante dessa contingência, João buscará novas formas de abstrair e contentar sua volúpia. Segue-se uma longa descrição de sua possível perda de genitais masculinos: e fez-se mulher?

Aí relaxei debaixo dele e disse baixinho, seja o que a infâmia quiser, e então me dei por resignado. Abri as pernas como uma mulher, cruzei os pés na área lombar dele, e comecei a estudar o que eu realmente sentia com suas investidas. O engenheiro procurava perfurar e logo mergulhar no meu âmago sempre resistente. Às vezes ele parecia não ter mais pau de tão imerso em mim. Parecia até um embrião dentro de mim. Ao mesmo tempo eu tinha a sensação de estar já formando um hímen a partir de uma base genital ainda incipiente. [...] Ao atingir no entanto essa fronteira avançada do gozo feminino, percebia que o transe era pouco, eu queria mais. Naquele embate carnal, eu fechava um ciclo e iniciava outro, o de passivo? (NOLL, 2008, p. 143-144).

O fato de João estar transmutando o corpo, mas mantendo-se em parte homem, advém do signo da totalidade, ou seja, do andrógino, ser que teria as duas partes complementares (feminina e masculina). Partes que representariam a fusão perfeita entre os corpos, conforme exposto no capítulo anterior. Entretanto, o narrador diz estar “flutuando sem o peso das determinações”, o que corrobora seu processo de transmutação, e não sua conclusão final, marcando uma oscilação entre os dois gêneros. Ademais, a cena propõe-se à discussão acerca dos parceiros do jogo erótico, tal é entre eles a conjunção dos corpos e suas respectivas funções feminino-masculino, passivo-ativo, além da possível dissolução e violação do corpo de João. Conforme Bataille:

No movimento de dissolução dos seres, o parceiro masculino tem em princípio um papel ativo, a parte feminina é passiva. É essencialmente a parte passiva, feminina, que é dissolvida enquanto ser constituído. Mas, para um parceiro masculino, a dissolução da

parte passiva só tem um sentido: ela prepara uma fusão em que se misturam dois seres chegando juntos, no final, ao mesmo ponto de dissolução. Toda a operação erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado normal, um parceiro do jogo (BATAILLE, 2017, p. 41).

Embora, Bataille esclareça que o parceiro masculino prepara a parceira para a fusão, é importante ressaltar que o narrador ainda é em parte homem, mas ora sente-se mulher, pois está oscilante entre as duas concepções. Dessa forma, a concretização erótica está centrada na estrutura do ser, independente da condição física atuante no momento do coito. Há uma abstração feminina cambiante, porque o narrador não sentirá que o gozo nessa concepção é suficiente para ele.

Ainda durante a relação, João toca em sua região pélvica com a intensão de confirmar seus genitais e conclui: “De fato, ali tudo parecia aquoso, indefinido, sofrendo ainda de uma dolorida condição fabril” (NOLL, 2008, p. 146). Nesse ponto do embate corporal com o engenheiro, João segue buscando o ápice de sua volúpia e, nessa tentativa, a memória recebe o aceno da imagem do filho. O que poderia parecer perturbador para nós leitores, para o narrador é absolutamente palatável, uma vez que ele segue com a nítida imagem do garoto enquanto manipula a nova concepção corporal: “Começava a gemer com aquele limiar de órgão feminino que, pela primeira vez, eu manuseava abertamente na tentativa de ativá-lo” (NOLL, 2008, p. 146). Além disso, a descrição que João faz do filho saindo do banho e olhando para ele e um possível questionamento por parte do rapaz quanto aos desejos enigmáticos do pai constroem uma cena extremamente erótica, visto que o olhar do garoto, a proposição dos corpos e o beijo do filho na boca do pai, com o toque suave das línguas, faz com que o narrador sinta o gozo chegando: “[...] mesmo que não soubesse ainda exatamente de que localidade irromperia o êxtase” (NOLL, 2008, p. 147); entretanto, o narrador é consciente de que quem está em cima dele é o engenheiro. O interdito do incesto ocorre apenas na imagem do narrador.

Interessante observar que à medida que o gozo se aproxima, o toque entre os lábios dele e do filho vão se separando: “[...] nos lembrava que o natural era o adeus” (NOLL, 2008, p. 147). As despedidas deveriam ser frequentes, preparando a partida, intencionando a despedida da imagem do filho. Mas o narrador logo mantém essa imagem: “Quem estava ali em cima de minha carcaça não era mais o engenheiro, mas o meu próprio filho que, por fim, me visitava e gemia e parecia me

entranhar” (NOLL, 2008, p. 147). Tão situação faz João se questionar: “De onde eu tiraria a força para o restante de uma epopeia tão depravada quanto aquela?” (NOLL, 2008, p. 147).

Na sequência, o narrador revela que a paixão que nutria pelo engenheiro estava se dissipando, pois precisava se desvincular dele e, ao observá-lo dormir, vê o falo do amigo em semi-ereção e considera o seguinte:

O valor agregado desse encontro estranho, para aquele homem adormecido, viria justamente da ereção sem objeto erótico definido. Quem estaria no momento imerso no sonho dele, provocando a ereção para eu admirar?” (NOLL, 2008, p. 149).

João tenta desvencilhar-se dos pensamentos que o levam à prática sexual, ao menos no momento do sono do amigo; a despeito disso, a vontade é reforçada toda vez que vê o órgão genital masculino: “A minha excitação por um cacete parecia inesgotável” (NOLL, 2008, p. 150). O sexo é alimento para sua fome, por mais que procure eventualmente se afastar, não consegue, pois é movido por esse impulso incontrolável que compreende sua existência.

Diante do amigo dormindo, o narrador compara o falo a um “deus menor”. Tal comparação permite-lhe destituir o sagrado do trono, por assim dizer: o divino é rebaixado e as partes íntimas passam a ocupar o lugar sacro. Para esse sujeito famélico pelo sexo e pelos prazeres da carne, nada mais coerente do que atribuir ao falo um lugar de divindade sob a qual ele, João, se debruçaria toda vez que fosse convocado: “[...] por esse deus menor me deixava de novo submisso e abandonado aos seus caprichos” (NOLL, 2008, p. 150).

Após alguns devaneios, o narrador novamente pensa ver o filho na selva, agora na figura de um cachorro do mato que estava fazendo felação em um segurança. O cachorro corre em direção à mata, e João conversa com o segurança, que se aproxima. É só neste momento do seu relato que João Imaculado revela seu nome. E mais uma vez confirma a vontade de fuga. Entretanto, a fuga agora passa a ser sua prioridade, pois percebe que com o engenheiro correria mais risco. Dessa forma, tenta realizar a fuga com o segurança, visto que com este, ao que parece, teria melhor êxito na empreitada. Nesse momento, João já deixou o sentimento de paixão pelo amigo para trás, e concentra-se em sair da situação de perigo na qual está inserido. Antes, João faz considerações acerca da paixão que durou muitos

anos: “Passaram-se anos sem que um arriscasse algum afago no outro. Acenos, talvez alguns. Acenos comprometem menos. Vivem a distância, esfarinham-se ao menor sopro” (NOLL, 2008, p. 162).

Nesse ponto é interessante lembrar o que foi mencionado logo no início deste capítulo quando expressei a ideia de aceno e de afago. Aceno é interdito e transgressão, mas no contexto exposto caracteriza-se sobretudo como interdito, uma vez que as possibilidades de afago não foram concretizadas nos áureos anos de adolescência. Os acenos transgrediam, sim, pois implicavam uma tentativa, embora de forma muito opaca, rarefeita, tímida até.

Logo após os devaneios, João está com o corpo do engenheiro morto em seus braços: ao que tudo indica, fora envenenado ou teve uma overdose. Nesse instante, o narrador observa o segurança, para quem pisca o olho:

Olhei para a pélvis dele e, de fato, em certo ponto, um tanto à esquerda como em quase todos, sua pélvis se mostrava mais volumosa, úmida. [...] Não me deixei embriagar pelo sinal da virilha boêmia do musculoso (NOLL, 2008, p. 164).

O narrador evitou o envolvimento sexual, talvez por respeito, uma vez que o amigo havia morrido. Além disso, é interessante ressaltar que o segurança, assim como todos os outros personagens, tem apenas as características físicas apresentadas, além da possível etnia – etíope – nesse caso específico. Entretanto, é importante apontar razão pela qual outras características não interessam a esse sujeito que busca fundir-se ao outro. A angustiante procura de João centra-se justamente *na busca*, independente de quem o ajudará nesse intento, conforme bem esclareceu Zucchi (2014) ao pesquisar sobre literatura erótica:

A construção das personagens alça no erótico: poucas de suas características são informadas ao leitor, sendo a maior parte delas físicas e estéticas. As vivências dessas personagens acontecem, sobretudo, através de seu corpo-erótico, posto que buscam constantemente a satisfação do prazer, assim, características como raça, classe social e gênero, ficam em plano secundário, subjugadas pelo erotismo (ZUCCHI, 2014, p. 57).

No entanto, como já referido, o olhar do narrador não o leva à prática sexual ou erótica, ele apenas observa o corpo alheio e reflete sobre as possíveis vontades do outro, posto que observou a região pélvica entumecida.

Interessante que, em meio à morte do engenheiro, em vistas do sepultamento, o narrador ainda ouve gritos que vêm da floresta, como se o garoto, seu filho” estivesse ferido mortalmente. Como não se tem certeza do real estado do narrador, se ele, de fato, vivencia tais acontecimentos ou se tudo não passa de um estado de coma que está presentificando um delírio, talvez os gritos sejam realmente do filho ao lado do leito do pai no hospital. Vejamos:

Entre o meu mundo de fora e o de dentro surgia aos poucos uma dolorosa rarefação. Precisava, no entanto, me manter nesse centro hoje diluído, indefinido, impreciso, misturado, para não me bandear definitivamente ou só para fora, ou só para dentro. A expansão desordenada do dentro poderia virar metástase, criando o império da deformidade, da loucura pura e simples. Ia então me apegando a pequenas coisas do lado de fora para não me afogar em minhas próprias águas (NOLL, 2008, p.169).

Nesse sentido, essas vivências eróticas ou apenas sexuais estão alicerçadas em um possível estado de delírio deste narrador, já que toda a construção de sua nova história está condicionada à remoção de seu corpo vivo de sua própria sepultura. Talvez por isso também esse sujeito, para não deixar as vivências internas, essas onde ele pôde escrever seus desejos mais íntimos na página em branco de sua nova história, só poderia vivê-las no plano onírico. E aqui, surge mais uma vez, a transgressão invadindo os limites da consciência: viveria ele duas histórias? Viveria de suas histórias? Uma em estado de coma, no hospital, com sua mulher e filho a sua volta. Outra no plano da ideia, uma fantasia com a sua grande paixão, o amigo engenheiro. Ambos os mundos são basilares para a edificação atual de João. Não quer de fato estar morto, mas tal condição lhe permite vivenciar sua pulsão sexual. Quanto ao mundo de fora, ele salienta: “Mas é certo que o mundo de fora não precisava de mim. Hoje quem sabe eu extraísse daqui de dentro certas ondas cerebrais para dividi-las com o sol, tentando assim formular outros mundos possíveis” (NOLL, 2008, p. 169).

Mais adiante, após longa divagação, enquanto João prepara o corpo do amigo para inumação, compara os restos do engenheiro aos de Cristo: “Disfarcei o tesão pensando que os restos dele pareciam os de Cristo. Se houvesse na casa alguns excedentes, traria lençóis para colocar em volta do defunto, como uma figura bíblica. Mas eu me excitava de fato” (NOLL, 2008, p. 171). Diante do corpo do amigo, as lembranças do sagrado, nesse momento, parecem voltar ao estatuto de

divindade, de respeito, por isso o narrador não ousa, frente a sua excitação, seguir falando em Cristo.

Na sequência, João pensa em tornar-se mulher, ou quem sabe marido, do segurança. Por isso, resolve tocar seu púbis e verificar o andamento de sua transmutação: “Pela ordem gradativa das coisas, tinha me vindo enfim um grelo um pouco acima da zona alagada [...]. E comecei a alisar o grelo para cima e para baixo, para o leste e para o oeste. Chamava o prazer em surdina, mas cada vez mais rápido. [...] Gozei” (NOLL, 2008, p. 172-173). Após o gozo, o narrador chama algumas vezes pelo engenheiro, mas recorda-se de que o apelo seria em vão: “O mito amoroso de minha vida inteira continuava inerte no piso da cozinha e já ia se desfigurando” (NOLL, 2008, p. 173). Além disso, como já mencionado, durante o percurso da libido, o engenheiro já representava certa opacidade, acentuada com a morte deste: “Perdia lentamente as linhas determinadas das feições. Sua identidade física começava a se diluir” (NOLL, 2008, p. 173).

Outra vez João traz à consciência que narra situações que estariam em uma espécie de consciência menor: “Nos últimos tempos eu passava mais da metade do dia deitado em cima da cama” (NOLL, 2008, p. 174). Posteriormente a esse comentário, relata que já estaria na idade amnésica: “O amnésico perde o respaldo de qualquer passado” (NOLL, 2008, p. 175). Diante da não certeza de que o narrador de fato vivenciou todas essas aventuras e desventuras com o amigo, ou se está em um estado de coma, é possível inferir que talvez essas duas revelações estejam amparadas no tempo que passa no hospital. Nesse mesmo momento, João declara estar aliviado por ter deixado a mulher e o filho com alguns bens e economias; assim, a preocupação de deixar a vida deles organizada em Porto Alegre atenuaria a transgressão vivida onírica ou empiricamente. Ele parece sentir que compensou a devassidão de sua libido mantendo seus entes bem encaminhados.

Ao estar na cama com o segurança, João, em vias de gozar pela vagina em formação reflete sobre as formas de chegar ao ápice do desejo em anatomias diferentes. Com a anatomia masculina, segundo ele, “o gozo viria de um jato”, já na feminina: “Um gozo mais intimista, rumo ao meu interior, mas vívido em um regime de constelações, nada linear” (NOLL, 2008, p. 176).

O narrador de fato parece não querer relação sexual até a inumação do corpo do amigo, mas por fim cai na tentação com o segurança. O desejo libidinoso exerce sobre esse sujeito uma força que faz com que ele ceda à tentação quando o objeto de desejo está disponível. Aqui, a realização de sua volúpia se sobrepõe ao velório do amigo:

Ao lado da fome, vinha-se definitivamente um prazer inenarrável com aquilo que se poderia chamar de nova versão de vagina. O que se formava entre minhas pernas constituía-se numa genitália inédita quem sabe, alguma coisa próxima a uma vulva, sem dúvida, mas guardando talvez algo masculino, ao se lançar para dentro, mas desejosa de possuir a função perfurante. Certo, eu já estava afastada do corpo com o qual nascera. Para gozar agora, eu precisaria esquecer meu desempenho anterior de macho. [...] Ele batia siririca em mim, certo, e eu começava a perceber o quanto de deleite até ali desconhecido poderia se adicionar à minha ação sexual (NOLL, 2008, p. 177).

João Imaculado consegue perceber que, com suas novas possibilidades sexuais, ganharia novos meios de chegar ao seu propósito principal, a fusão pela qual tanto anseia. Apesar das constatações em relação às descobertas das novas zonas erógenas, um aceno paira no ar: ele recorda de quando teve um momento íntimo com a imagem do filho plasmada no corpo do amigo. A lembrança faz com que o narrador revele sua total falta de noção de tempo: “Quando foi isso? Ah, comigo tudo corria depressa demais. O que fora vivido em minutos virava um campo de abarcar décadas” (NOLL, 2008, p. 177). A confusão temporal pode estar ocorrendo tal como em um sonho, estado em que, como sabemos, misturam-se imagens, bagunça-se o tempo e desordenam-se os fatos. No caso de João, a possibilidade de estar em coma favorece os devaneios desordenados. Situações-limite, sem rumo certo.

João volta à cena com a imagem do segurança e faz uma longuíssima descrição, em que o erotismo é novamente elevado ao estatuto de sagrado: as secreções da libido são divinas cheiradas “com devoção”, como se fossem de fato sagradas. Aliás, o narrador cria uma espécie de cartografia das secreções:

Dizem que, antes de se incorporarem aos humanos, esses fluidos formaram-se em outras paisagens, algumas em outros mundos até, a ponto de certas excreções transportarem resquícios de poeira cósmica. Os fluidos se desenvolveram em um território livre, sem sombra de teologia” (NOLL, 2008, p. 178-179).

Há uma preocupação do narrador em elevar o erótico ao divino, justamente porque para ele o percurso libidinoso pelo qual passa é sagrado. Se o leitor recorda, anteriormente comentei que o narrador frequentou um seminário de onde saiu desacreditando em Deus, mas querendo ser Deus. Certamente porque o deus ao qual almejava ser é o da volúpia, dos anseios íntimos, das descobertas da carne, por isso, muitas vezes João eleva a prática erótica ao sagrado e em tantas outras rebaixa o sagrado, porque o nega. O percurso libidinal desse narrador é quase uma *via crucis* do seu corpo erógeno.

Interessante observarmos que o narrador iniciou seu relato utilizando palavras com sentidos sombrios como escuro, breu, noite, sombrio, trevas e submarino, espaços fechados, como a confraria noturna, saunas; principalmente antes de sua primeira morte. Entretanto, quando está hospitalizado, ele passa a enxergar cores mais claras, brancas, espaços abertos, faz passeios à tarde para comprar comida, observar a região da varanda de casa ou mesmo banhar-se em um rio. Cria uma perspectiva mais clara, em tons brancos:

Meio parcimonioso, continuava a me alimentar da cor. Sentia os arredores da boca sujos de branco. [...] O céu da boca dava a ideia agora de uma abóboda, em cujo bojo pássaros errantes circulavam. Em vôos lentos, talvez solenes. Eu não precisava ter medo. Que abrisse a boca e os deixasse voar a céu aberto (NOLL, 2008, p 205-206). Talvez com a intenção de representar sua possível libertação.

Na sequência, é novamente trazido à consciência o fato de que o ser que busca a fusão está ciente de que ela é uma sensação transitória: “No espelho, você se vê como realmente é: um ser avulso, que precisa urgentemente se ligar a outro, mesmo que esse amante tenha só a duração exata de uma trepada” (NOLL, 2008, p. 179).

Após, João revela como foi sua primeira experiência sexual, a qual ocorreu com uma prostituta, e comenta que: “Nada me cativava mais tanto quanto o prenúncio da nudez” (NOLL, 2008, p. 180). O erotismo é um jogo onde duas ou mais pessoas estão envolvidas, o que contribui para a ruptura do estado em que nós, seres descontínuos, nos encontramos, buscando no outro uma possibilidade de continuidade, mesmo que transitória. Pensando nisso, as roupas simbolizam a

oclusão do desejo erótico, uma vez que elas cobrem o corpo, mas também instigam a libido. Para Bataille, a ação do desnudar-se diante do outro é determinante:

A nudez se opõe ao estado fechado, ou seja, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do fechamento em si mesmo. Os corpos se abrem à continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentimento da obscenidade. A obscenidade significa a perturbação que desordena um estado dos corpos conforme à posse de si, à posse da individualidade duradoura e afirmada (BATAILLE, 2017, p. 41).

João busca na memória o momento do desnudamento da prostituta e o seu. Uma cena que indica duas transgressões: o desnudar-se, visto que a ação gera a exposição do corpo nu; e a relação sexual com uma profissional do sexo, e não com a pessoa com quem constituirá família. Além disso, o fato de desnudar-se traz mais um elemento à cena erótica, conforme Bataille:

A volúpia está tão próxima da dilapidação ruinosa que chamamos de “pequena morte” o momento de seu paroxismo. Consequência, os aspectos que evocam para nós o excesso erótico representam sempre uma desordem. A nudez arruína a decência que nos damos com nossas roupas (BATAILLE, 2017, p. 197).

Em seguida, após o coito com o segurança, o narrador sai do quarto e se direciona à cozinha, onde fica próximo ao corpo do amigo, e se questiona para quem ele teria se transformado em uma mulher. Mas o questionamento é abruptamente interrompido quando João se dá conta de que terá que despedir-se do corpo: “Lavá-lo quem sabe. Com reverência. Como se ambos fôssemos figuras bíblicas” (NOLL, 2008, p. 183); fazendo nova comparação com o sagrado e salientando que a paixão pelo amigo retornava: “Paixão que voltava agora, nesse exato momento, já em seu culto ao impossível. Eu era um homem tão em despedida quanto o morto” (NOLL, 2008, p. 183). Apesar da situação, o narrador sente certa atração pelo cadáver do amigo, inclusive pensa em seduzi-lo e beija-lhe a boca. Há na cena uma insistência de realização: João ainda não concluiu seu objetivo primeiro, o de completude, de fusão.

Durante o sepultamento do amigo, João sente um sangue escorrer pelas suas pernas e conclui que está menstruada e que por isso agora já poderia gerar; era uma mulher completa, e conclui que: “Talvez meu organismo estivesse apenas

revelando plasticamente a sua oposição à morte” (NOLL, 2008, p. 184). Após o enterro, o narrador começa a embalhar a imagem do segurança com a do amigo, suscitando dúvidas: “Desconfiei de que ninguém morrerá, quem sabe só eu mesmo”; e mais vez indica a possibilidade de que esteja em um estado de coma: “Lembrava muito vagamente de um desapego súbito do corpo, como se eu não tivesse um tempo para agonizar. Justamente nessa passagem, gozei” (NOLL, 2008, p. 186). Interessante que o narrador tem tímidos acenos da memória, que o leva sempre a um mesmo ponto, o da libido, corroborando o antigo plano de vivenciar sua epopeia libidinal.

João salienta que: “Precisava encontrar logo o corpo de outro camarada, para com ele me materializar de novo” (NOLL, 2008, p. 186). Ele só se confirma na presença do outro, ou seja, ele só existe se consegue ter relações sexuais com o outro para provar a sua própria existência.

Durante a fuga, o narrador sente um prurido e passa os dedos em seu novo sexo, onde diz achar um “viveiro de esdrúxulas infracriaturas”; tais micro-organismos fazem-no identificar na região “berçários e sepulturas” desses seres diminutos que não são visíveis a olho nu. Todavia, para este narrador que está imerso na sua busca por fusão, nada mais relevante do que fascinar-se por seres cuja anatomia contempla órgãos genitais femininos e masculinos, à semelhança dele mesmo. Para esses seres, a fusão é completa e constantemente realizada no corpo de outro ser: “Não poderia mais viver sem que essa biologia mínima continuasse a enaltecer ainda mais a promessa de fusão” (NOLL, 2008, p. 190). João comenta em seguida que ainda não teve muitas oportunidades de gozar pela sua nova genitália, atribuindo a isso a sua “insatisfação crônica”, que o fecha a tal possibilidade.

Caminhando pela mata, João chama o segurança para mais uma imersão carnal e, enquanto procuram um lugar para o coito, o narrador tece mais comentários sobre sua fome por sexo, que vem desde a infância: “[...] conclui que eu estava irremediavelmente preso à danação sexual. Aliás, desde a infância. Não adiantaria me colocar na esteira da castidade, jamais conseguiria o intento” (NOLL, 2008, p. 193).

Encontrado o lugar para o ato sexual, João e o segurança começam a se tocar; durante nesse movimento, o narrador recorda a época em que tocava a prima que falecera ainda moça: “Passava a língua entre os lábios virgens e me vinha na

boca um gosto ainda mais proibido” (NOLL, 2008, p. 194). Quando menino, como já mencionado, ele descobria os prazeres carnavais com a prima na casinha de bonecas, além do episódio com o amigo no corredor do prédio do dentista. Esses prazeres não culminavam em ato sexual; no entanto, iniciavam os jovens no jogo erótico, uma vez que toda a cena era construída para que eles vivenciassem o despertar da libido, conforme João constata:

Havia na época certo encantamento durante as pausas entre os atos libidinosos. É aquele momento depois da saciedade e antes da fome voltar, quando o que mais prospera são cócegas na ideia, derretimento d'alma, preparação indolente para um novo abraço. E enfim a volta à luta corporal (NOLL, 2008, p. 194).

A lembrança da prima é abruptamente interrompida pela ação sexual com o segurança, sendo que a cena atual não compreende o jogo erótico, tratando-se de um ato puramente sexual. Entretanto, nesse ínterim, João analisa que, ao descobrir sua nova constituição anatômica, ela abarcaria um “novo regime de tesão”, e com isso sente que: “O meu corpo como um todo era um órgão genital” (NOLL, 2008, p. 195). Mais à frente, João decide fugir de absolutamente tudo, deixando para trás inclusive o segurança, pois considera estar a perigo com ele, e dessa forma, fugiria também dessa história que, como postula: “[...] eu quisesse me escravizar a meu passado remoto ou recente. Queria de fato a chance de renascer da figura de uma fêmea cabal” (NOLL, 2008, p. 196). João buscava a mulher que estava nascendo dentro dele, e é esta nova concepção humana que lhe proporcionaria uma nova história, deixando para trás todo um passado masculino: “Que eu fosse logo à frente do espelho e me reconhecesse como mulher completa, sem mais nenhum detalhe a ser finalizado” (NOLL, 2008, p. 196).

Há em toda a narrativa de *Acenos e afagos* a transgressão do corpo; por assim dizer: uma violência. Não pela vontade de se tornar mulher, porque esta é matéria do humano e, portanto, natural. A violência a que me refiro é com a matéria orgânica, com a anatomia do corpo com as marcas sociais que cada indivíduo carrega em sua história. A violência está na transgressão dos costumes moralmente estabelecidos pela sociedade em relação aos papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres.

Ainda durante a fuga, o narrador considera que deveria pegar uma arma, mas em seguida lembra-se de que seu sexo está incompleto, e isso refletiria na falta de

jeito com a pistola, o que poderia comprometer seu desempenho com ela, uma vez que: “Afinal, o cara de sexo impreciso tende a ser confuso, inoperante, com uma rarefação mental digna de sua indeterminação” (NOLL, 2008, p. 197).

Logo o narrador encontra a casa onde ficou refugiado com o engenheiro, e entre muitos infortúnios de picadas de insetos e calor excessivo, o segurança encontra o narrador e lhe dá um tiro pelas costas. Diante dos seus últimos momentos, João reflete que estava em paz

Estava pacificada com todo o entorno, mesmo que abatida pelo segurança a poucos passos. No meu corpo infinito, em via de se misturar com tudo, inscrevia-se a história de um cara traído pelo próprio segurança do marido, de quem hoje eu era viúva (NOLL, 2008, p. 199).

O narrador, mesmo agonizante, considera que, se o segurança o tocasse desejando seu corpo, ele aceitaria, tamanha a vontade de concluir sua epopeia libidinal. Na sequência, João vai despedindo-se, aos poucos, do mundo material, do calor natural do corpo vivo, dos sons da floresta, que se distanciam, e observa as batidas do coração, cada vez mais espaçadas. É quando o segurança dispara mais um tiro: “Percebia com clareza cristalina não existir vida para além da biografia. Aquilo que se extinguia em mim era tudo” (NOLL, 2008, p. 201). Esse era o fim de toda a sua existência. Os olhos de João passam a enxergar coloridas que culminavam em contornos cada vez claros, brancos até: “Certas nuances da vista perduravam no coma” (NOLL, 2008, p. 201).

O ser humano nasce e morre sozinho, como sublinha Bataille. Tal observação é contundente para tal explanação realizada por esse sujeito em vias da própria morte: “pela primeira vez sentia o significa justo da expressão, ‘não contar com mais ninguém’. Eu era, sim, o meu próprio exemplo naquela marcha cadenciada em direção ao pó” (NOLL, 2008, p. 202). A passagem de um plano ao outro é totalmente solitária.

Aos poucos, o narrador diz escutar passos “oriundos da mata” e faz considerações quanto a um possível bote de uma cobra que estivera perto dele quando recebeu o primeiro tiro. Esse comentário se dá pela sensação de letargia que está se apoderando de seu corpo. O fato de ouvir os passos fazia com que João entendesse que ainda tinha uma linha de vida em seu estado de coma, a esses

passos ele se agarrava, possivelmente para aproveitar ao máximo aquilo que seria a segunda vida, uma vez que já havia morrido em outro tempo: “[...] eu sabia que o meu apagamento total ainda não se dera. Eu vivia por um fio, mas de algum modo resistia” (NOLL, 2008, p. 203). Os passos, segundo ele, são do segurança que preparava a cova para enterrá-lo, talvez próximo à cova do engenheiro, o que deixa o narrador de certa maneira entusiasmando pela possibilidade de realizar o seu intento: fundir-se ao outro: “[...] o meu coração se acelerou. Nossos corpos ainda quentes se fundiriam assassinados” (NOLL, 2008, p. 204).

Importante lembrarmos que, apesar de o erotismo ser uma busca por continuidade na fusão com o outro, isso é apenas uma ilusão, uma vez que tal fusão não se efetiva, pois a continuidade nunca é, de fato, alcançada. A morte, apesar de não ocasionar a continuidade do ser, afasta-o da ideia de descontinuidade. Para Bataille:

A aprovação da vida até na morte é desafio; tanto no erotismo dos corações quanto no dos corpos, ela é desafio, por indiferença, à morte. A vida é acesso ao ser: se a vida é mortal, a continuidade do ser não o é. A aproximação da continuidade, a embriaguez da continuidade dominam a consideração da morte. Em primeiro lugar, a perturbação erótica imediata nos dá um sentimento que ultrapassa tudo, de tal forma que as sombrias perspectivas ligadas à situação do ser descontínuo caem no esquecimento. Então, para além da embriaguez aberta à vida juvenil, nos é dado o poder de abordar a morte face a face, e de nela ver enfim a abertura à continuidade ininteligível, incognoscível, que é o segredo do erotismo, e cujo segredo apenas o erotismo traz (BATAILLE, 2017, p. 47).

Por isso, mesmo diante da morte, João parece buscar em seu âmago uma espécie de prazer ao tentar até mesmo, em sua cova, fundir-se ao amigo.

Mas a despedida ficava cada vez mais próxima, sentia um líquido branco escorrer pela boca e imaginava pássaros voando no céu da boca, como se anunciando uma despedida, sentia-se embaixo da terra, e uma umidade provinda chuva o fazia prever a umidade se aproximando, e: “Então, de um golpe, me coagulei. E antes que eu não pudesse mais formular, percebi que agora, enfim..., eu começava a viver” (NOLL, 2008, p. 206).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o ser humano é um ser descontínuo que procura a continuidade através da fusão com o outro, característica primeira do erotismo, esta dissertação tentou compreender como se dá a escrita-desejo no romance *Acenos e afagos* (2008), de João Gilberto Noll, por meio do estudo sobre o erotismo desenvolvido pelo filósofo francês Georges Bataille. Pensando nos apontamentos do filósofo, foi possível compreender que o homem, no momento em que negou sua animalidade e passou a ser consciente de que morre, adotou posturas para com a sua sexualidade, criou regras e também criou a cisão delas, rupturas que passamos a entender como transgressão. Os movimentos basilares do erotismo – interdito e transgressão – nos ajudam a elucidar as errâncias do narrador de *Acenos*, pois a obra está repleta de interditos que tendem a ser insistentemente transgredidos, uma vez que João Imaculado, o narrador, famélico por sexo, necessita romper com o socialmente estabelecido. Tais rompimentos perpassam desde o casamento de João, nas saídas noturnas por meio das quais tenta vivenciar os prazeres interditos à luz do dia, até chegar mesmo à transmutação de seu próprio corpo. Por isso, falar em escrita-desejo nesse romance é também falar da linguagem que expressa linha a linha a angústia e a sexualidade reprimidas do narrador. Uma linguagem transgressora que se manifesta na esquina entre o animal e o homem.

À medida que avançamos na leitura de *Acenos e afagos*, adentramos o jogo erótico desse narrador que desnuda-se a cada frase em busca de sua epopeia libidinal. Somos convidados a participar de um jogo sexual não raro solitário, uma vez que muitas das vezes o embate parece estar apenas na imaginação de João. O texto em si propõe uma leitura que produz um efeito estético pessoal em linhas eróticas e às vezes puramente sexuais. Mas com o desejo exacerbado, transfigurado e transbordado pela linguagem nua. Tal transbordamento se dá também pelo extrapolamento dos limites do real, da identidade e da consciência. Muitas vezes os cortes abruptos de cenas revelam-se como cortes cinematográficos onde cena a cena vão se criando palimpsestos de imagens sobrepostas e desordenadas. Talvez por isso exista um desassossego na linguagem que nos desconforta e nos leva por um emaranhado de pensamentos conflitantes, como se estivéssemos participando do sonho, ou delírio de João, sem conseguirmos precisar

se ele de fato participa dos eventos que narra depois de sua suposta primeira morte. Considerando isso é que falo em escrita-desejo, pois é por meio da linguagem que temos acesso às aventuras e desventuras desse narrador que procura realização no âmbito erótico-sexual. E é por meio da linguagem que ele nos leva ao seu arcabouço erótico. As imagens vão se antecipando e com elas vêm emergindo o princípio do prazer, construindo a imagem do desejo a partir do trabalho da linguagem. Talvez por isso nos sintamos uma espécie de *voyeur* enquanto expectadores desejosos da realização plena desse narrador. Torcemos por ele.

É importante observarmos que na narrativa, o corpo, lugar de encontro do erotismo, é explorado massivamente, sendo ponto de ressignificação da identidade transitória e cambiante do narrador: é através do corpo que João presentifica-se em contato com o corpo do outro, na tentativa de completar-se, de existir. Os limites do corpo, que é uma unidade fechada e constituída, passam, aos poucos, a serem transgredidos, transmutados. É um corpo masculino que passa a ganhar contornos femininos, na tentativa de vivenciar as possibilidades do prazer, da volúpia, na sua totalidade. Tendo as características dos dois sexos, esse ser chegaria o mais próximo do andrógino, e por isso seria um ser completo, ou seja, viveria a experiência erótica ao extremo – na plenitude. E seria autossuficiente na sua busca por fusão.

Esse movimento transgressor de seu próprio corpo faz com que, conforme o narrador vá se transformando em mulher – ou ainda experimentando o papel feminino, já que nunca abdica inteiramente do papel masculino – essa transgressão também se manifeste no discurso: ele passa a utilizar, vez ou outra, palavras no feminino para referir-se a si próprio. Uma vez que só a linguagem pode permitir tal manifestação, é a partir dela que João, mesmo sem abdicar da forma masculina, passa a constituir-se mulher.

A imaginação exacerbada de João propiciou seus encontros furtivos, suas errâncias e seus deleites tanto quanto o corpo, matriz do erotismo. A palavra, a fantasia e o corpo andam de mãos dadas com esse homem que perambula por ruas escuras, confrarias clandestinas, submarinos, saunas e casas de massagem, lugares onde o prazer é transgredir o socialmente convencional. Muitos espaços, uma mesma função: romper a barreira do interdito. São locais de culto ao corpo, aos

calores da carne, da prática sexual e erótica. Onde aceno e afago é interdito e transgressão. Um e outro, prazer.

João frequenta espaços abertos apenas quando supostamente vai para Cuiabá viver com o amigo engenheiro. Longe da família e livre dos papéis de marido de Clara e de pai, ele sai do breu e entra em um tom luz: estando em Porto Alegre, a sexualidade e seus anseios libidinosos estavam nos porões, já com o amigo, em outro lugar, a sexualidade reprimida sobe à superfície, permitindo-lhe viver conforme seus desejos.

Dessa forma, a escrita entra como recurso de liberdade, uma vez que mesmo que tudo não passasse de um delírio, João poderia estar expressando uma sexualidade reprimida através da linguagem, uma vez que, estando o narrador em realidade casado com uma mulher e vivenciando encontros furtivos com homens às escondidas, o delírio permitiria a ele as possibilidades infinitas do seu desejo voluptuoso. Esse delírio mediado pela linguagem seria a grande fuga e a grande realização dele tanto em termos eróticos como em termos de identidade.

No entanto, mesmo depois de experimentar a liberdade com o amigo e de transmutar-se em mulher – e talvez porque se transmutou em mulher e ocupou um papel submisso – João Imaculado percebeu que ainda estava longe do que ele queria. Dessa forma, quando optou por fugir do segurança, optou pela liberdade irrestrita. A completude só foi possível graças à ideia de que naquele momento João já tinha dentro de si o masculino e o feminino. O que mantém o narrador vivo é o seu erotismo. Na busca pela fusão com o outro, o sexo é sempre sim.

Acenos e afagos propõe uma leitura que dilacera, que nos deixa perplexos diante dos extravasamentos do corpo, da imaginação, do desejo, do erótico, do sexual, dos encontros da vida com a morte. A vida e a morte. É uma experiência que desestabiliza: é produto de uma escrita pulsional-labiríntica sem rumo que anda de mãos dadas com o mais íntimo do erotismo, naquilo que o melhor o define: o limiar entre o animal e o ser humano – o único animal erótico.

Transgredir é o grande mote da prosa de João Gilberto Noll, não pelas cenas de cunho erótico-sexuais, das transgressões da corpo, mas porque a linguagem rompe com os caminhos ordenados da escrita do romance tradicional. Nada em Noll se parece com o tradicional. Há uma concisão no verbo e a falta de eufemismos que contribuem para uma linguagem que não se cala: grita. Não se lê Noll sem que se

presencie a eclosão da forma da escrita. Não se lê Noll sem que viremos cúmplices do desejo.

Acenos e afagos é uma leitura que nos tira do eixo, nos confunde e nos desestabiliza. É poética e não é. É animalesca e por isso é humana. Acenos é sobretudo uma angustiante caminhada. É, no seu movimento, erótico e não erótico. É a dança entre o animal e o animal erótico – o humano. É segurar uma máscara com uma mão apenas para desnudar-se dela com a outra.

Na escrita-desejo desse romance vivemos os acenos, os afagos e os entreolhares de João como nossos. A literatura de Noll é lugar de gozo.

Escrever é fundir-se com o outro.

REFERÊNCIAS

- BARBERENA, Ricardo Araújo. Noll, nosso contemporâneo. BRANDÃO. Luís Alberto. In: *Canção para João Gilberto Noll*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.
- BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- _____. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- _____. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- _____. *A literatura e o mal*. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BORGES, Rogério. *Entrevista a João Gilberto Noll (2008)*. Disponível em: <bit.ly/2UnXHUF>. Acesso em 10 jan. 2020.
- BRANCO, Lúcia Castello. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CAILLOS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Editora 70, 1988.
- CONTE-SPONVILLE, André. *Bom dia, Angústia*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e Literatura*. São Paulo: Ática, 1986.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades*. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIRARD, R. *A Violência e o Sagrado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HOUAISS, Antonio. Dicionário eletrônico Houaiss. Versão 10.2009.
- HUSTON, Nancy. *A espécie fabuladora: um breve estudo sobre a humanidade*. Trad. Illana Heineberg. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- IZQUIERDO, Iván. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O discurso pornográfico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MORAES, Eliane R; LAPEIZ, Sandra M. *O que é pornografia*. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 198

NOLL, João Gilberto. *Acenos e afagos*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PAMUK, Orhan. *O romancista ingênuo e o sentimental*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PERKOSKI, Norberto. *A transgressão erótica na obra de João Gilberto Noll*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC, 1994.

PLATÃO. *O Banquete*. Tradução e Notas de Maria Teresa Schiappa de Azevedo. Lisboa: Edições 70, 1991.

ZUCCHI, Vanessa. *A tessitura do desejo: corpo, sexualidade e erotismo nos contos de Anaïs Nin*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Escola de Humanidades. PUCRS. Porto Alegre, 2014.